

Itapuan

REVISTA
POÉTICA
NA CIDADE
POLÍTICA

VOLUME 1 • NÚMERO 1 • SETEMBRO DE 2018

NESTE VOLUME

YVES BONNEFOY
RAUL DE TAUNAY
DAVINO SENA
AUREA DOMENECH
ANDERSON BRAGA HORTA
JOSÉ CARLOS VIEIRA
ROBERTO MEDINA
FABIO DE SOUSA COUTINHO
THAIS MATARAZZO
KORI BOLIVIA
ANA PAULA ARENDT

ENTREVISTA

KANGNI ALEM
GRAND PRIX LITTÉRAIRE
D'AFRIQUE NOIR 2003

POETAS HOMENAGEADOS

ABHAY K.
STEVE BODJONA

FAROL DE ITAMARACÁ

ANTÔNIO CARLOS DE SALLES MENEZES

POESIA PERVERSA

DE CELSO DE ALENCAR

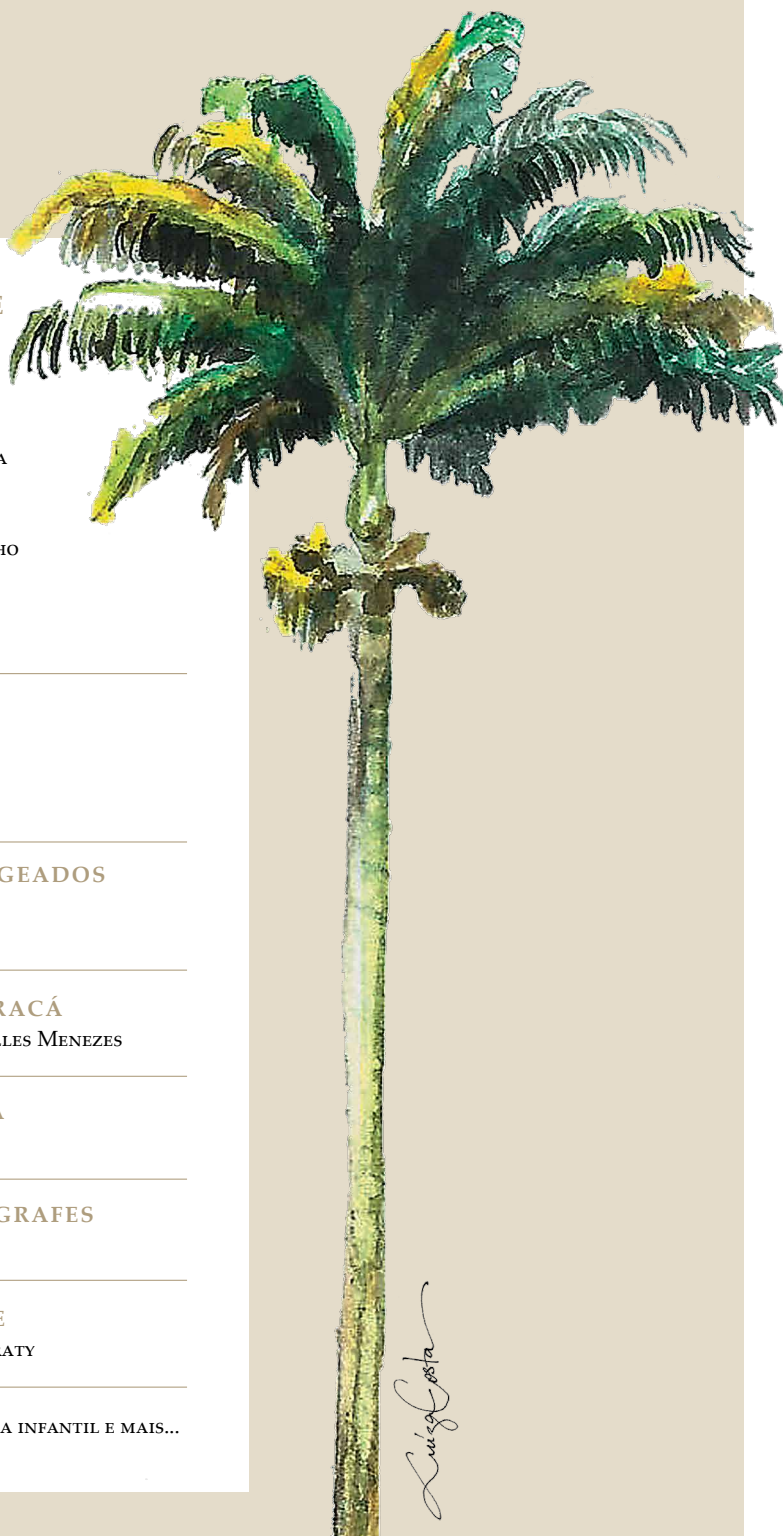
AFORISMOS E EPÍGRAFES

DE PAULO GRINSUN

COLEÇÃO DE ARTE

SOBRE O PALÁCIO ITAMARATY

POETAS INICIANTEs, POESIA INFANTIL E MAIS...



ITAPUAN

Periodicidade: semestral

Normas para envio de poemas e de artigos:
revista.itapuan@gmail.com

Responsável pela publicação:



Só Livro Bom Editora
R. Barão de Itapetininga, 273-06°K
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

CORPO EDITORIAL

Capa: Luíza Manhães

Conceito, projeto gráfico e editorial: Só Livro Bom Editora

Revisão da versão em francês: Georges Lopes

Revisão da versão em português: Cindy Nagel

Fotografia das obras de arte: Hugo Santarém

Agradecimentos: Embaixador Antônio Carlos de Salles Menezes,
Club La Littéraire, Ministério das Relações Exteriores, Mauro
Galinkin e Galeria Almeida Prado.

Seção de cartas dos leitores: revista.itapuan@gmail.com

Organizadora e editora: R. P. Alencar

ISSN 2595-6620 (Versão impressa)

☞ SUMÁRIO

Prefácio à Primeira Edição	6
ANTÔNIO CARLOS DE SALLES MENEZES	
O farol de Itamaracá	9
Seleção do PADRE ALEIXO	
Simón Bolívar e Ruben Darío	12
CELSO DE MELLO	
ADI 4451/DF sobre a liberdade de expressão	13
SYLVAIN LEVY	15
DAVINO SENA	
O Palácio	16
Os sapatos e os dias	18
THAIS MATARAZZO	
Entardecer	20
Iluminar... ..	20
Um caminho se faz caminhando	20
FABIO DE SOUSA COUTINHO	
Um (grande) centenário brasileiro	22
ANDERSON BRAGA HORTA	
Um sonho	25
RAUL DE TAUNAY	
Infiltração	27
Alvorço	27
Rainha das cenouras	28
Floreio	29
AUREA DOMENECH	
Sessenta versos de vivas ao Brasil	31
YVES BONNEFOY	
A lembrança	34
Coração, a água imperturbada	36
A poesia é a fundação do ser	37

ROBERTO MEDINA	
Ossos de borboleta	39
Aforismos e epígrafes de PAULO GRINSPUN	40
Poesia perversa de CELSO DE ALENCAR	
Uma mulher pediu-me que eu lhe esfaqueasse as pernas	42
Mulheres	43
Celso de Alencar e seu universo perverso, por FABIANO FERNANDES GARCEZ	44
O periférico raiz, por PAULO SPOSATI ORTIZ	45
Celso de Alencar: os belos matizes da crueldade, por ELVIO FERNANDES GONÇALVES JUNIOR	46
A poesia do baixo-ventre, por DIOGO CARDOSO	47
Poetas e diplomatas homenageados	
ABHAY K.	
Brasília	49
A Profecia de Brasília	50
STEVE BODJONA	
Poema sem título, 1	51
Poema sem título, 2	52
ROBERTO MEDINA	
O encontro da palavra poética	53
Entrevista com KANGNI ALEM	54
Poemas latino-americanos na Primeira Feira Internacional do Livro de Lomé	
AUREA DOMENECH, Certidume	60
GASTÓN SIRONI, Archivo de la memoria	61
JOSÉ CARLOS VIEIRA, Cardiopatía	62
KORI BOLIVIA, Hoy muerdo la niebla e Repentina veio a noite	64
LUÍS SERGUILHA, Plantar rosas na barbárie	65
WELLINGTON BUJOKAS, Sem sombras	66
Poetas iniciantes	
FLÁVIO FÉLIX, A professora	69
GUILHERME KUBISZESKI, Um soneto metafísico	71
Poesia infantil	
VICTORIA OZABARRIO, <i>India apacuana</i>	72
TOMÁS ANTÔNIO ALENCAR, Tudo é muito chato	73
ANA PAULA ARENDT	
Um estudo sobre os homens	81
Soneto à Constituição de 1988 (LXIII)	82

ARTE

ANA ARCHER, Itamaraty	11
RODRIGO NARDOTTO, Itamaraty	19
LUIZ FERNANDO BORGERTH, Diplomacia é quase amor	24
TONY LIMA, Mulheres no Itamaraty	30
LÚCIA COSTA, Itamaraty em vermelho	33
JOSÉ ROSÁRIO CASTRO, Faxina no Itamaraty	38
RODRIGO NARDOTTO, Itamaraty surreal	49
JOSÉ MACIEL, Itamaraty	67
DENIS CAVALCANTI, Itamarati	68
LÚCIA COSTA, Estudos do Itamaraty em giz	74

PERFIL DOS ARTISTAS BRASILEIROS NESTA EDIÇÃO

Luíza Manhães	75
Rodrigo Nardotto	75
Lúcia Costa	76
Denis Cavalcanti	76
Tony Lima	77
José Rosário Castro	77
José Maciel	78
Ana Archer	78
Luiz Fernando Borgerth	79

OS REVISORES

Cindy Nagel	80
Georges Lopes	80



“Um velho calção de banho
O dia pra vadiar
Um mar que não tem tamanho
E um arco-íris no ar
Depois na praça Caymmi
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de coco

É bom

Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Enquanto o mar inaugura
Um verde novinho em folha
Argumentar com doçura
Com uma cachaça de rolha
E com o olhar esquecido
No encontro de céu e mar
Bem devagar ir sentindo
A terra toda a rodar

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã”

Vinicius de Moraes e Toquinho

❧ PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

*Lomé, 4 de julho de 2018,
Brasília, 14 de julho de 2018,
Avignon, 31 de julho de 2018.*



Queridos amigos e leitores,

com muita alegria que lhes apresento a revista Itapuan. Seu título inspirado nos versos de Vinicius de Moraes e entoado por Toquinho, grandes nomes que fizeram o Brasil como nós o conhecemos hoje: um lugar de inspiração e sem método.

A ideia surgiu de um comentário em rede social entre amigos poetas, frustramo-nos por não poder partilhar de um jantar regado a vinhos, poemas e boa música, tendo em vista as circunstâncias de serviço que nos separam pela distância, mas que ao mesmo tempo nos aproximam pela saudade.

Contudo tão bom quanto partilhar a mesa é passar uma tarde lendo os nossos alfarrábios publicados nesta revista, apreciando o prazer da melodia que nasce de corações brasileiros e desabrocha em versos despretensiosos. Se o poeta não vai até Itapuã: Itapuan vai até o poeta!

Conto a vocês que, deambulando na livraria e antiquário Sá da Costa, em Lisboa, em trânsito para a África, encontrei uma coletânea de edições do jornal *The stars and stripes*, impresso na França. Eram exemplares enviados regularmente às tropas americanas no exterior, que se encontravam no “front”, concebido em 1918 para manter oficiais, familiares e amigos informados sobre o que andavam fazendo as tropas. O Brigadeiro James G. Harbord abria o jornal com uma mensagem otimista a seus soldados. Resumidamente: “sigam em frente!”



“Vamos!” E suas páginas continham todo tipo de consideração, desde técnicas de jardinagem, dicas de cozinha, até ponderações sobre as deixas das cartas das mulheres amadas. Uma cena rara de se imaginar, sobretudo por ser real: soldados nas trincheiras lendo, há exatos 100 anos, meio a tiros de fuzil e de canhão, sobre os cuidados que deveriam tomar com diferentes flores no jardim. Afinal: pareceu-me que não seria uma ideia nova nem original, enviar exemplares de conteúdo frugal aos colegas diplomatas expatriados, e também aos poetas que se abandonaram no país de seus próprios versos.

Embora dificilmente se possa argumentar que o exílio do diplomata se compare a um esforço de guerra, lembremos que estar distante da terra amada justifica algum desânimo. E qual poeta terá subestimado a fúria do mundo, tendo provado ele mesmo a ordem imposta das coisas, o tédio das regras autorreferenciadas, a amargura da felicidade não recíproca? Eis que então clamo o oásis de Vinicius, o santuário de Toquinho, e convoco os amigos a partilhar desse momento relaxante, a levantar os pés e recostar-se na poltrona favorita, para ler os poemas que nós mesmos versejamos ao longo do caminho, ecoar as descobertas dos amigos que encontramos, consagrar os escritores admiráveis, partilhar os momentos

que julgamos dignos de registro em forma poética e de ensaio. É à literatura e à arte que devem se entregar as almas humanas, quando inspiradas, mas sobretudo quando desiludidas.

A capa da revista, uma aquarela de Luíza Manhães, dá o tom suave e brasileiro que desejamos alcançar. Poderão também os leitores contemplar nesta edição uma coleção de arte privativa fotografada por Hugo Santarém, de autoria de artistas brasileiros, da qual tenho o privilégio de ser curadora. Eles retrataram o Palácio Itamaraty cada qual com sua perspectiva, de 2014 a 2016. Uma das artistas, Lucia Costa, é finalista do *Luxembourg Art Prize 2018*. Nas próximas edições espero poder trazer também outros atrativos aos leitores que apreciam diferentes estéticas e consideram a arte visual algo essencial ao espírito. A inclusão do Palácio como tema na coleção se dá porque, para mim e para muitos, o Itamaraty está acima do Governo, pois toma providências de Estado, e tem a missão muito maior de preservar as características de um Brasil do qual nós temos orgulho.

Nada me pareceu mais conveniente, também, que propagar as vozes de artistas e poetas brasileiros e latino-americanos no mundo francófono, onde a sensibilidade sempre flui à flor da pele, onde a liberdade é intransigente e, por essa razão, um lugar ao qual convergem intelectuais e artistas do mundo inteiro. Nas palavras do ex-chanceler Laurent Fabius, a impertinência é um dos doze pilares que ostenta o Estado francês desde Voltaire. Parece-me que há menos intercâmbio entre os poetas de língua francesa e os de língua portuguesa nos tempos de hoje do que o desejável, a despeito da estreita cooperação acadêmica entre o Brasil e a França. Talvez a Itapuan possa chamar atenção a esse lapso de nossa vida cultural agitada, e a esse propósito, alguns versos de Yves Bonnefoy nos permitem ponderar

que a poesia francófona vai muito além de Rimbaud e de Baudelaire.

Abrem caminho à poesia na revista Padre Aleixo, amigo que mantém um notável acervo no Centro Cultural de Brasília sobre o Ruben Darío, um poeta que versejou meio a eventos políticos relevantes para a América Latina; e o Ministro Celso de Mello, com suas palavras sobre a liberdade de expressão artística, essencial para uma sociedade aberta e saudável. O voto dele rechaçou veementemente toda e qualquer presunção do Estado de controlar a palavra ou censurar o pensamento do cidadão. Trechos de teor poético de seu voto cabem na Revista.

Participam Davino Sena, cuja poesia revela traços únicos e indômitos, e Raul de Taunay, hoje os grandes diplomatas e poetas da Casa de Rio Branco. O Embaixador Raul de Taunay pertence à família de Nicolas-Antoine de Taunay, o qual foi mestre da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, ao lado de Lebreton, e integrante da Missão Artística Francesa; e de Alfredo d'Escragno de Taunay, autor de clássicos da literatura brasileira hoje presentes nas escolas.

Incluí também seções especiais, uma delas para divulgar por este meio as entrevistas do site www.anapaulaarendt.com, estreando a do célebre autor africano Kangni Alem; e nesta edição, um reconhecimento especial aos poetas e diplomatas que criaram novos espaços para a poesia e para a literatura, o indiano Abhay K. e o togolês Steve Bodjona. Há espaço nesta edição para poetas iniciantes; e incentivo aos escritos de poetas em tenra idade, haja vista a que a revista Itapuan será distribuída gratuitamente às bibliotecas e escolas interessadas. Seu arquivo se encontra disponível no site www.anapaulaarendt.com e poderá ser impresso livremente por qualquer órgão ou instituição educacional. Por essa razão constam notas em que os

poetas falam sobre como escrevem e sobre onde a poesia nasce, para que a formação dos novos leitores conte com uma palavra sobre o momento da inspiração e o prazer do registro.

Na seção de poesia perversa, tive o cuidado de incluir quatro guarda-costas ao redor de Celso de Alencar, cuja timidez e delicadeza no trato pessoal não impediu que se instalasse uma polêmica recente em uma conhecida escola de jornalismo brasileira. Alguns alunos exigiram um pedido de desculpa do poeta em face à mera declamação de um poema seu, a convite do coordenador do curso. Curiosamente não pediram que Gregório de Matos ou Hilda Hilst o fizessem. Terá alguém assassinado outrem por ter lido sobre a impunidade de um gorila na Rua Morgue, ou se prostituído por ler os sonetos de Bocage? Por episódio tão lamentável a revista Itapuan vem reclamar um lugar de liberdade de expressão, a abolição das proibições de sentir e das presunçosas exigências de “correição”. Um poema é criado em um lugar no qual não se pretende dar a ele uma função literal ou um sentido único. A poesia pode propor ao leitor experimentar qualquer ideia, inclusive a de humor, espanto ou de ojeriza. E quem será tão onisciente a ponto de reclamar o único sentido original de uma criação que não é sua?

Registradas, enfim, sob o manto impresso, também as contribuições de poetas latino-americanos renomados para a Primeira Feira Internacional do Livro de Lomé, realizada em 2017, pelo poeta e diplomata togolês Steve Bodjona, a qual atraiu mais de 8 mil visitantes, 3 mil alunos e teve grande impacto sobre esta região da África Ocidental francófona e ilustrada, sedenta de literatura e rica de manifestações culturais. O poema *Certidume*, de Aurea Domenech, traduzido ao

francês, foi aplaudido de pé por um público de mais de 800 pessoas em Lomé. O Itamaraty ostenta essa notável poeta e jurista, sobrinha neta de Salvador Dalí, entre os seus quadros de grandes oficiais de chancelaria.

O próximo número contará com uma seção dedicada a eventuais manifestações e cartas dos leitores, que contarão com um espaço para dialogar com os poetas e escritores presentes nesta edição, as quais podem ser enviadas para: <revista.itapuan@gmail.com>. Estamos abertos a receber e divulgar imagens poéticas de fotógrafos e de artistas de toda parte.

Por fim, a Itapuan saúda todos os seus leitores, agradece a seus colaboradores e revisores, sobretudo ao embaixador do Brasil em Lomé, Antônio Carlos de Salles Menezes, por abrir espaço para ações que visem divulgar a literatura brasileira, sem os quais esta iniciativa não teria a mesma qualidade. Presta concretamente homenagem ao empenho dos amigos que fazem parte da Associação Nacional de Escritores, do Instituto Francês e da União Europeia em inspirar a construção de novas iniciativas literárias. A revista Itapuan não se confunde de modo algum com uma iniciativa governamental, mas sua ideia nasce meio ao trabalho de servidores dedicados à cooperação cultural e, sem dúvida, de uma euforia poética partilhada. Preparada durante recessos, não conta a revista por ora com nenhum tipo de financiamento ou recurso público nem comercial.

É uma grande honra para mim estar ao lado de grandes escritores, corações autênticos e poetas verdadeiros.

Com carinho,

Ana Paula Arendt.

O FAROL DE ITAMARACÁ

Minha principal colaboradora atual na Embaixada do Brasil em Lomé (Togo) – a quem aqui me refiro utilizando seu *nom de plume* de Ana Paula Arendt – pediu-me para escrever algumas linhas introdutórias sobre o seu admirável trabalho de compilar obras de vários poetas e artistas plásticos, de diversas nacionalidades, e publicar este primeiro número da Revista Itapuan.

No prefácio, Ana Paula Arendt diz que saúda todos os seus leitores, e agradece a seus colaboradores e revisores, sobretudo a mim, por abrir espaço para ações que visem divulgar a literatura brasileira, sem os quais esta iniciativa não teria a mesma qualidade.

Peço vênia para discordar de Ana Paula e dizer que não procede a alegação de que sem minha intervenção esta iniciativa não teria a mesma qualidade. Digo isso porque nada fiz para que a iniciativa de lançar a Revista Itapuan fosse bem-sucedida.

Em se tratando, no entanto, da nossa missão diplomática de representar o Brasil aqui do outro lado do Oceano Atlântico, numa região (o Golfo da Guiné) onde a geologia, a geografia, a botânica e até mesmo muitos hábitos e costumes da população (culinária, folguedos populares etc.) muito mais nos unem do que separam – apesar de, lamentavelmente, a grande maioria dos colegas diplomatas rejeitarem categoricamente a possibilidade de virem a servir nestas plagas –, devo

dizer que desde minha chegada, em 2015, senti uma forte demanda por iniciativas de aproximação cultural entre as duas margens do “Rio Chamado Atlântico” (que me permita o Embaixador Alberto da Costa e Silva utilizar o título de sua famosa obra).

Poucos dias após minha chegada ao Posto, em 2015, tive a satisfação de descobrir na estante de livros da Residência Oficial a obra do escritor togolês Kangni Alem, intitulada *Escravos*. Era a tradução brasileira, lançada pela Pallas Editora, do seu romance *Esclaves* (título original, em francês), que faz uma mescla de acontecimentos históricos com ficção. “Devorei” o livro em poucas horas, e comprei, logo em seguida, em livraria local, a versão original, na língua francesa. Alguns dias depois, minha esposa Elsa e eu recebemos Kangni Alem para uma visita, quando conversamos sobre suas várias viagens ao Brasil. Fiquei muito feliz em ouvir dele que a cidade que mais lhe tinha cativado era o meu Recife natal (que aparece, aliás, em sua obra acima referida, e em outra, a ser mencionada mais adiante).

Dois anos após minha chegada ao Posto, isso já em julho de 2017, a Representação da União Europeia em Lomé me convidou para o lançamento de uma nova obra de Alem, intitulada *Les Enfants du Brésil* (em português *Os Filhos do Brasil*), belíssimo romance que trata da viagem de um pesquisador togolês ao Brasil (aparece mais uma vez, em sua obra, o meu Recife, mas também Salvador e Rio de

Janeiro) e também da ancestralidade brasileira que marca muitas famílias deste lado do Atlântico, descendentes dos escravos retornados à África no Século XIX, um fato praticamente desconhecido, infelizmente, por parte da imensa maioria da população brasileira. Tive de ler o livro em apenas dois dias, a fim de poder preparar um discurso para a sessão de lançamento. Tal sessão coincidiu com a chegada de Ana Paula Arendt para integrar os quadros da Embaixada.

Desde o lançamento de *Les Enfants du Brésil*, Ana Paula Arendt estreitou relações com Kangni Alem, e está tentando traduzir a sua mais recente obra para a língua portuguesa. Por isso, todos aqueles que se encontrarem de posse desta Revista não devem deixar de ler com atenção a entrevista com o escritor africano.

Devo acrescentar que depois de ter podido contar com o apoio de Ana Paula Arendt na Embaixada, passamos a poder realizar um pouco mais na área de aproximação cultural Brasil-Togo. Foi assim que, após ter ela travado conhecimento com o diplomata e poeta togolês Steve Bodjona, recebemos convite para participação na iniciativa

chamada *Action Poétique*, no âmbito da Primeira Feira do Livro, realizada aqui na capital togolesa. Na ocasião, pude ajudar a criar a versão em francês do poema intitulado *Certidume*, da funcionária do Itamaraty (Oficial de Chancelaria) Áurea Domenech. Saúdo com imensa satisfação, portanto, a inclusão daquele poema de Áurea na Revista (e mais um, também de sua autoria, intitulado *Sessenta Versos de Vivas ao Brasil*), assim como de dois poemas de Steve Bodjona.

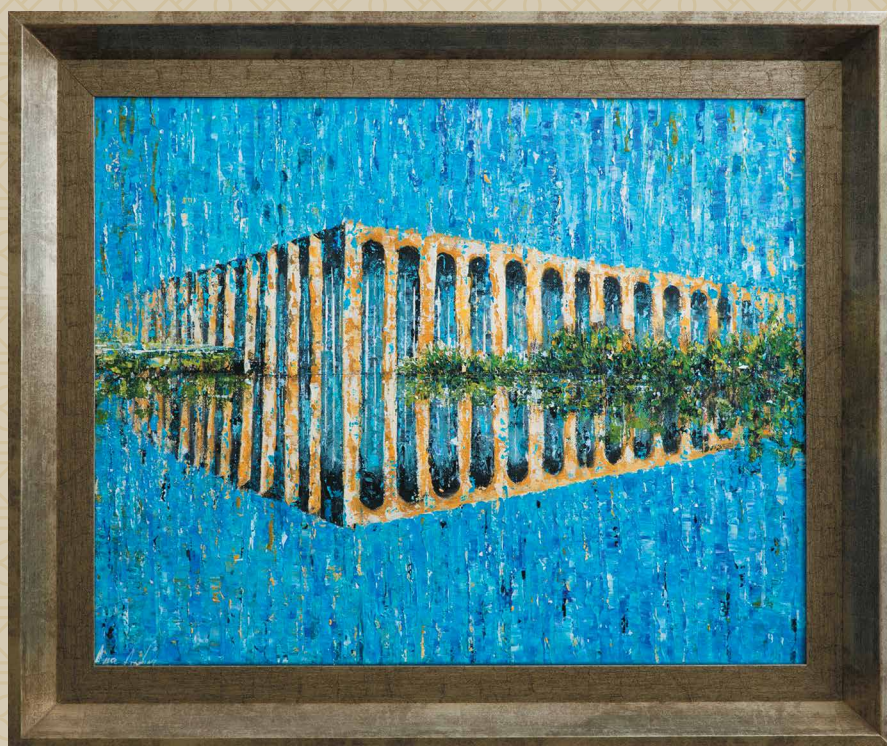
Finalmente, embora como pernambucano eu prefira Itamaracá a Itapuan, não posso deixar de dizer que o nome da Revista foi muito bem escolhido, pois remete ao inescusável Vinícius de Moraes (em sua parceria com Toquinho) e à inigualável Bahia de Todos os Santos, para a qual este pernambucano “tira o chapéu”, reconhecendo tratar-se da parte do Brasil que mais evidencia a nossa herança africana.

Espero que desfrutem da leitura de tão belas poesias.

Antônio Carlos de Salles Menezes
é Embaixador do Brasil em Lomé
(Togo).



Emmanuel Pita/ROT



Itamaraty, por Ana Archer

SELEÇÃO DO ∞ PADRE ALEIXO



BOLÍVAR, sabidamente, sofreu, sobretudo nos últimos anos de sua existência, amargas decepções. Mas sua esperança de que a posteridade lhe fizesse justiça transformou-se em eloquente realidade. Multiplicaram-se em todos os quadrantes do globo as homenagens à sua memória através de poemas, artigos, livros, estátuas, museus, nomes em logradouros públicos, escolas e universidades. Valha terminar este estudo com versos do poema do consagrado poeta nicaraguense Ruben Darío, pronunciado em 1873, em São Salvador, por ocasião do primeiro centenário do nascimento de BOLÍVAR.

Para héroe tan gigante,
no puede resonar cítara alguna
que ensalce lo bastante
su valor y fortuna ;
pequeñas son la estatua y la columna

La América garrida
hoy levanta un clamor que se dilata
de la vega florida
del Orinoco al Plata
que turbulento su caudad desata
...
Pero ¡ Maldito sea
quién, al pueblo mostrando falsa égida,
lo empuja a la pelea
y le arranca la vida
en medio de la lucha fratricida !

Si ¡ mil veces maldito
quién, turbando la paz de un pueblo hornado,
lanza de guerra el grito
y le quita el arado
para darle un puñal ensangrentado !
...
¡ Bolívar! Las edades
escriben ese nombre, alto y bendito;
llevan las tempestades
ese poema escrito
¡ y se escucha un rumor al infinito ! “

Ruben Darío, trecho de sua obra BOLÍVAR, *apud* José Carlos Brandi Aleixo, “Visão e atuação internacional de Simón Bolívar”. Em: SEPARATA da Revista de Informação Legislativa ano 20 nº. 80, Senado Federal out/dez. 1983.

oto do Ministro do Supremo Tribunal Federal na ADI nº 4451/DF sobre a liberdade de expressão.

“O humor e o riso constituem armas preciosas, instrumentos poderosos de insurgência contra os excessos do poder, contra os desmandos dos governantes, contra os abusos da burocracia estatal, contra o menosprezo das liberdades, contra o predomínio da mentira, contra o domínio da fraude.

O riso, no fundo – seja ele o riso cético de Demócrito, ou o cínico de Diógenes, ou o satírico de Juvenal, ou o catártico, ou o festivo, ou o solitário, ou o amargo, ou o polido, ou o filosófico ou o político –, traduz expressão de uma das respostas fundamentais do ser humano perante o dilema da existência e os desafios com que nos defrontamos ao longo de nossas vidas.

Daí a aversão, o medo e a repulsa ao riso e ao humor, manifestados por aqueles que controlam o aparelho de Estado ou por aqueles que desejam assumir-lhe os postos de direção.

O fato é que o riso, especialmente o riso satírico, o riso corrosivo, é instrumento de combate, pois “o riso seduz, intriga, desestrutura, provoca a cólera ou a admiração (...)”. Nesse contexto, reveste-se de significativa importância a proteção à liberdade de criação artística e de expressão do pensamento.

Sabemos que a liberdade de manifestação do pensamento, revestida de essencial transitividade, destina-se a proteger qualquer pessoa cujas opiniões possam, até mesmo, conflitar com as concepções prevalentes, em determinado momento histórico, no meio social, impedindo que incida sobre ela, por conta e efeito de suas convicções, não obstante minoritárias, qualquer tipo de restrição de índole política ou de natureza jurídica, pois todos hão de ser igualmente livres para exprimir ideias, ainda que estas possam insurgir-se ou revelar-se em desconformidade frontal com a linha de pensamento dominante no âmbito da coletividade.

As ideias, ninguém o desconhece, podem ser fecundas, libertadoras, transformadoras ou, até mesmo, revolucionárias e subversivas, provocando mudanças, superando imobilismos e rompendo paradigmas até então estabelecidos nas formações sociais.

É por isso que se impõe construir espaços de liberdade, em tudo compatíveis com o sentido democrático que anima nossas instituições políticas, jurídicas e sociais, para que o pensamento não seja reprimido e, o que se mostra fundamental, para que as ideias possam florescer, sem indevidas restrições, em um ambiente de plena tolerância, que, longe de sufocar opiniões divergentes, legitime a instauração do dissenso e viabilize, pelo conteúdo argumentativo do discurso fundado em convicções antagônicas, a concretização de valores essenciais à configuração do Estado democrático de direito: o respeito ao pluralismo político e à tolerância.

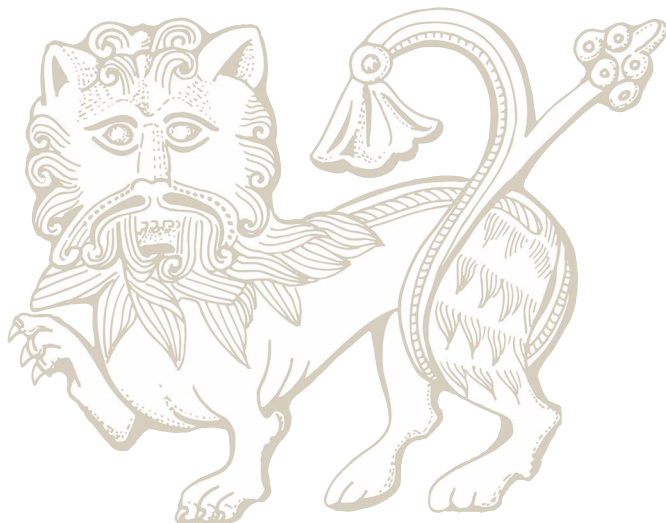
Daí a essencialidade de propiciar-se a livre circulação de ideias, eis que tal prerrogativa individual (e também coletiva) representa um signo inerente às formações democráticas que convivem com a diversidade, vale dizer, com pensamentos antagônicos que se contrapõem, em permanente movimento dialético, a padrões, convicções e opiniões que exprimem, em dado momento histórico-cultural, o *mainstream*, ou seja, a corrente dominante em determinada sociedade.

Em uma palavra: o direito de criticar, de opinar e de dissentir, qualquer que seja o meio de sua veiculação, representa irradiação das liberdades do pensamento, de extração eminentemente constitucional.

(...)

É preciso advertir, bem por isso, notadamente quando se busca promover, como no caso, a interdição da crítica ou da opinião veiculada pelos meios de comunicação social por emissoras de rádio e televisão, que o Estado não dispõe de poder algum sobre a palavra, sobre as ideias e sobre as convicções manifestadas pelos cidadãos em geral ou pelos profissionais dos meios de comunicação social.

Essa garantia básica da liberdade de expressão do pensamento, como precedentemente assinalado, representa, em seu próprio e essencial significado, um dos fundamentos em que repousa a ordem democrática. Nenhuma autoridade, mesmo a autoridade judiciária, pode prescrever o que será ortodoxo em política ou em outras questões que envolvam temas de natureza filosófica, ideológica ou confessional, nem estabelecer padrões de conduta cuja observância implique restrição aos meios de divulgação do pensamento.”

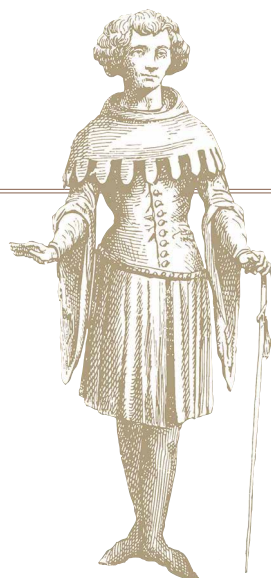




"Na presença do juízo de valor, a dialética
se transforma em maniqueísmo".

∞ SYLVAIN LEVY

Membro da Sociedade de Psicanálise de Brasília.



O PALÁCIO

Ele anda em volta da caixa
sentindo o ritmo dos arcos.
Nas águas flutua a caixa de vidro.
Das águas surge o espelho líquido.
Só ele pode vê-lo, esbraseado,
entre as sombras do passado.
Vê-lo com a formalidade
do meio-dia, irreal, em brasa.
Ele o vê com a solenidade
de luva branca e cerimonial.
Dia após dia ele contempla
o meio-dia de templo romano.
Ele precisa das sombras para ver
o passado na caixa fluir, sob o vidro.
A arquitetura do palácio é sóbria
e as horas o atravessam, sombrias.

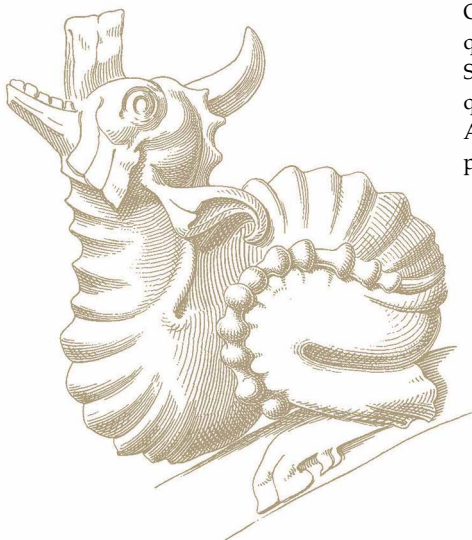
Às vezes era noite, às vezes dia
e a memória confundia os dois.
O dia vem revelar uma beleza
e o barqueiro vem relimpar o lago.
Fico a vê-lo, horas na janela,
o olhar a deslizar, como fez o barco.
A noite chega, vem a fresca mudez
sobre o lago, aragem feliz no rosto.
As carpas atraídas pela luz
movem-se como sombras no muro.
Então parece mais risonha a brisa
e o ouvido escuta uma longe harpa.
Deverias ficar assim ante o palácio
e sabê-lo teu, e querer visitá-lo.
Alguém realizou o teu desejo
e teve a coragem de percorrê-lo.

Um cão prateado guarda, qual
meteoro, os segredos da caixa.
Na passarela sobre o lago, ele anda
e entra na caixa como um pensamento.
Observa o couro macio das poltronas
e o frio das frases, o aço laminado.
Uma mulher vestida de lâminas
alta, alumínica, axial, acena.
Alguém sobe a helicoidal escada
como numa árvore, sem corrimão.
Sem emendas o grande vão, o silêncio
é interrompido pela retração do concreto.
Em pedra sabão, três altos homens
saúda o bruno olhar de bronze.
O rumor de conversas antigas
nos atravessa com frescor de brisa.

Sob o paletó sinto o ritmo da brisa
e as palavras umedecem os ossos.
O vento de agosto vem pelos corredores
e passa por mim como um desejo.
A brisa que atravessa os corredores
tem "pony tail" e andar decidido.
Eu atravesso os mesmos corredores
e as paredes de veludo azul.
Os mesmos mármore, ornamentos
de outra era, estátuas nuas.
O vento levou tudo, a ti e a mim,
como se nus fôssemos, nuas flores.
Estavas com um grupo, diplomatas
que discutiam, como num jardim.
Eu não entendi toda a conversa
e o protocolo traduzia as flores.

Para te chamar a atenção, eu
fiz, de papel, um pequeno avião.
Deixei-o sobre a mesa de mármore
e seguimos, sem falar, lado a lado.
Todo dia, sem querer, eu te via
como se fosse coisa do diabo.
Mudamos de assunto, uma conversa
dizia não ser possível escapar...
Um time de faxineiros esfrega o chão
e limpa do mármore o viés protocolar.
Riem de alguma coisa, que não há,
e observam-me, a vassoura e o sabão.
Um lampejo e o homem sobe no veludo
em degraus azuis, longe do mundo.
Lá em cima o envidraçado tempo jaz
na caixa com veludo azulado.

Minerva pede música de cravo
pintada na madeira, sobre o azul.
Admiro, na cômoda, o verniz
mitológico, teu jacarandá nu.
Em todas as papeleiras, feliz
ou atribulado, teu jacarandá.
Nos momentos de atribulação
ou felicidade, o azul da oração.
Um menino Jesus de marfim indiano
olha para mim, acena a sorrir.
Lá em cima nada mais, o céu azul
de um engenho na tela do holandês.
Estou de volta ao céu azul que foi meu
um azul como não há, azul pernambuco.
Estou na fronteira, rio negro e azul,
pedra de lioz, leite do rio luso.



Descemos lentos o terceiro piso
que nos atordoa o belo excessivo.
Dos trópicos o exílio tem a beleza
e o fausto da corte portuguesa.
São vultos anônimos, semblantes
esquecidos, serenos como dantes.
Baía e bahia, navios ao fundo,
a luz do dia, o luar furibundo.
A pele fria de mulheres nuas sonha
o silêncio dos talheres sob a Lua.
Súbito, desperta-nos a luz do dia
que vem do cerrado e da geometria.
Caminhamos de casaca e fraque
por areias vermelhas, como em Marte.
Cansa-me o excesso de imagens, tudo
o que é viagem - diplomaticamente mudo.

O padre sonha de braços abertos
em asas - alto, absorto e abstrato.
A vegetação do planalto central
ocupa um lado da imaginação.
O outro lado reage com cilindros
de madeira branca, luz em relevo.
Aqui é branco o ritual africano,
limpo o candomblé, geometrizado.
Como um peixe é limpo das escamas
limpo é o palácio de toda nuança.
O poema esquece todos os nomes
quando o palácio fica entregue à noite.
Saio no carro movido a verbos
que pronuncio enquanto os invento.
Aqui estou, imóvel e lento, e vivo
por um momento, enquanto sou lido.

OS SAPATOS E OS DIAS

Eu descia a ladeira rumo à vila
desanimado por não ver a amiga
e esperançoso de que ela viesse
com asa nos sapatos, afogueada,
para tomar o trem que nos aguarda.

A cabeça voltada para trás
nada via, exceto a árvore reumática
e os tetos das casas, nenhum sinal
do toc-toc dos sapatos, de meu amor,
na calçada vazia e invernial.

Súbito, pensei ouvir os sapatos
que para mim soavam, como um verso
alegre e definitivo soaria,
na boca de uma jovem estudante
e a sua lembrança me bastaria.

De novo escutei o som auspicioso!
A cabeça voltei, mas nada vi
e a ladeira pareceu mais íngreme
do que todos os dias! Os meus passos
pareciam de ninguém, na rua fria...

Então vi o pedreiro numa escada
mais alto que a árvore reumática
a bater com o martelo na parede
a bater um prego que eu não via
como o tempo bate dia sobre dia.

O martelo seguiu-me até o trem
a bater repetido e insolente
como a augurar dias repetidos
impostos por um deus que odiava
um amor tão singelo na calçada.

Era uma manhã de inverno
quando ouvi os sapatos na ladeira
e corri para abraçar o meu amor
como se dependesse o Universo
de um pequeno, humano gesto.

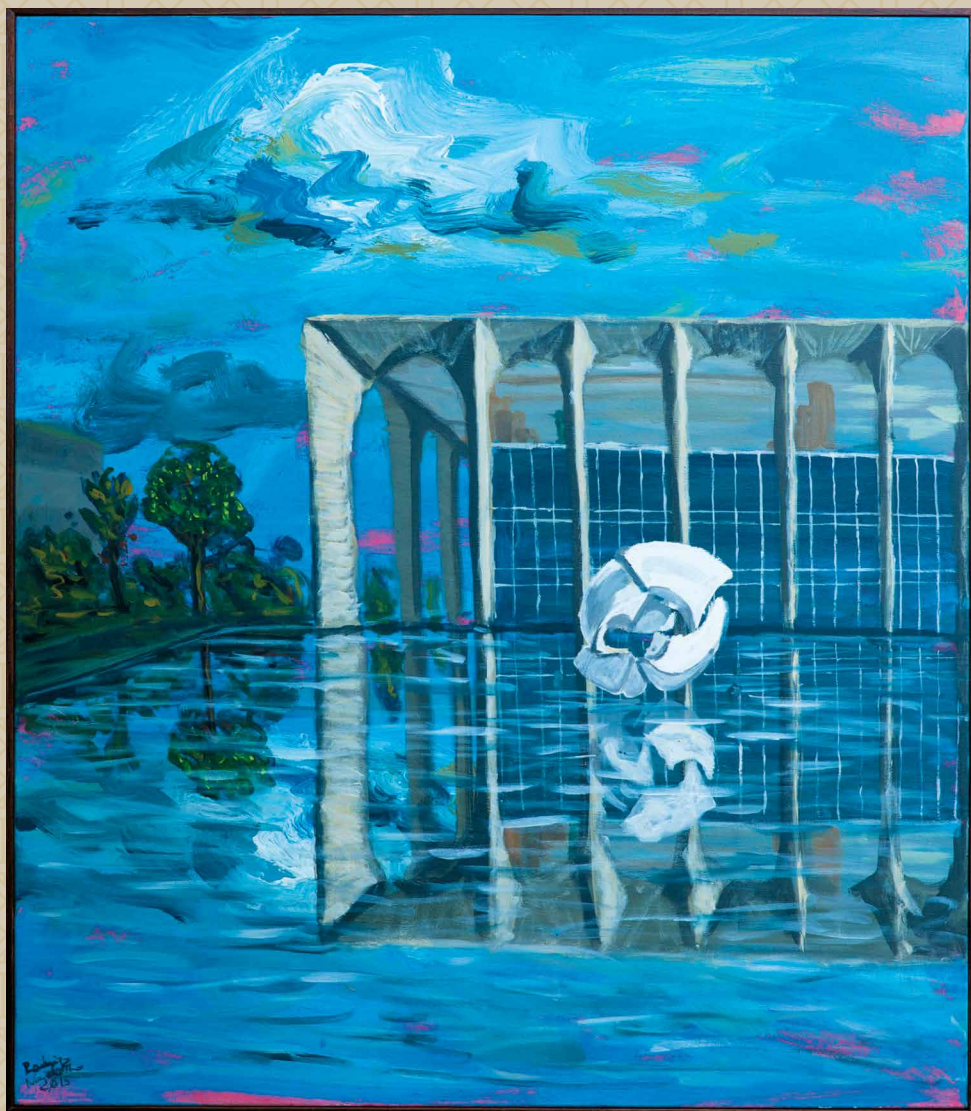
Ela segurou meu braço, seguimos
para a estação, onde o trem aguarda
os passageiros como se fosse um cão,
e apressamos o passo, talvez tudo
dependesse de dois pares de sapatos.

Antes de entrar no trem, ouvi um eco
longínquo, reverberando no ferro
dos trilhos que seguiam, paralelos,
até onde os olhos não veem, matéria
que amor cinge, um braço no meu braço.

“OS SAPATOS E OS DIAS fez-se em mim com a repetição do som dos sapatos de uma mulher a descer uma ladeira. Eu dirigia o setor cultural do consulado em Nova York. Na ocasião, eu descia uma ladeira longa para tomar o trem que me levaria para o trabalho. Muitas vezes tinha de esperar minha esposa por algum motivo. Um dia ela demorou para aparecer e, meio desapontado, ouvi outro som, que se juntou na memória ao primeiro, o de um homem batendo um prego numa parede. O resto está dito no poema.”



Escritor e diplomata, **DAVINO RIBEIRO DE SENA**, 60 anos, nascido no Recife, é casado com Socorro Sena e tem duas filhas. Publicou diversos livros de poesia e tem colaborado em revistas eletrônicas. O poema “Bando de Gatos”, excelente amostra, foi publicado na Revista Eutomia, de dezembro de 2015. Seu primeiro livro, Castelos de Areia, foi o laureado nacional em 1991 pela Fundação Nestlé de Cultura. Participou, com o apoio do Itamaraty, do Encuentro Iberoamericano de Poesía em Santiago, Chile, em 1993. Do encontro resultou a antologia Um Angulo Del Mundo. Leu poemas nos saraus do grupo catalão Cafè Central e deu palestra sobre Literatura Brasileira na Universidade de Barcelona em 1995. Trabalhou na Espanha, Reino Unido e outros países. A Academia Brasileira de Letras publicou o poema “Petúnia Desperta”, entre outros, na Revista Brasileira, número 76, de 2013.



Itamaraty, por Rodrigo Nardotto

ENTARDECER

A vida passa num instante
E tudo se vai distante...
Sentada aqui nesta sala
Admirando a paisagem
Meu pensamento flanador
Captura cenas da minha vida
Passadas lá ao longe...
Minhas mãos não podem atingi-las
É como olhar as nuvens no céu,
Daqui não consigo alcançá-las
Posso somente admirá-las
Até o vento soprá-las
Para outras plagas...
Vejo tantos vultos e biografias
Quanta gente passa por nós
Ou nós por elas passamos?
Já corri esse mundo
Atravessei turbulentos ciclos,
Transpus complicadas fronteiras,
Conheci momentos de paz,
Horas de amor demais,
Vivências e acontecimentos...
E de presente recebi da vida
Por todas as experiências:
A tal sapiência!
Hoje descanso da labuta
Habito minha tranquilidade.
Olho o mundo desta janela
Nesta tarde ocre e azul
O horizonte começa a escurecer
Logo chegarão as estrelas
Meu pensamento flanador
Volta agora para fazer assento.

ILUMINAR...

É daqui desta janela
Que posso ver-te bela
Lua cheia toda noite
Brilha qual um diamante.

É a sua poesia
Que floreira minh'alma
E traduz aos meus olhos
A beleza que eu acolho.

És a rainha do céu noturno
Parece-me tão próxima
Nesta sua fase enchente
Diz-me tão expressivamente!

Parece que vai descer ao mar
Cintila as velas das embarcações
Dos noturnos corações
És a estrela guia, secular...

Pode ler meus pensamentos
Codificar meus sentimentos
Revelar o que quero oculto
Concede-me o seu indulto...

Brilha junto com as estrelas
Navega nesse céu tão limpo...
Dialoga com meu coração
Desfaz-me em momentos de ilusão.

Oh, cintilante lua amada
Leva-me a girar contigo
Nas quatro faces da sua feição
A iluminar a escuridão!

UM CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

" **E**u comecei minha lide literária escrevendo poemas aos 18 anos, em 1999. Eu tinha um namorado na universidade, naquele momento eu estava tão apaixonada – “andava nas nuvens” –, e de repente veio a vontade de escrever poemas românticos. Aquele rapaz foi a minha inspiração!

O tempo passou e me dediquei às pesquisas de temas históricos e para escrever eu precisava de informações, então, só produzia não ficção. Sempre achei a ficção um gênero muito difícil, cada escritor tem suas preferências e dificuldades.

Quando fundei a Editora Matarazzo, em 2015, começamos a promover concursos poéticos, um deles foi o “Versejando com Imagens”, já com quatro edições. Difícilmente eu escrevia poemas, por falta de tempo e interesse também. Mas neste ano, ao selecionar as pinturas do século XIX para o “Versejando com Imagens”, minha amiga Camila Giudice, artista plástica e professora do curso de pintura da OAB/SP, sugeriu que eu incluísse telas produzidas por seus alunos, algo contemporâneo. Aceitei. Uma tarde, quando fazia a triagem das imagens, fiquei olhando a foto da tela “*Uma mulher em uma janela ensolarada*” do pintor dinamarquês Carl Vilhelm Holsøe (1863-1935), então, eu “mergulhei” naquela imagem e me imaginei velhinha sentada em uma escrivaninha a tecer as minhas memórias. Quando eu olhei pela janela, observei minha vida passar como “num filme”... Achei estranha a sensação, mas as rimas começaram a nascer na minha cabeça e tratei de materializá-las no papel. E de repente comecei a produzir poemas sem parar, com tamanha facilidade, nunca antes acontecida. As imagens foram aparecendo e eu imaginava uma narrativa, um miniconto em forma de poesia. Assim, arrisquei-me a escrever até contos, outro gênero que nunca tinha experimentado.”



THAIS MATARAZZO é paulistana, jornalista, escritora, pesquisadora cultural, palestrante e organizadora das antologias da Editora Matarazzo. Tem 18 livros publicados no Brasil e em Portugal. Acadêmica, pertence à cadeira de número cinco da Academia Maceioense de Letras; e à cadeira número 109 da Real Academia de Letras – Confraria dos Poetas – Brasil. Associada número 403 da Associação Portuguesa de Poetas de Lisboa.

UM (GRANDE) CENTENÁRIO BRASILEIRO

Qual é o verdadeiro sentido da comemoração de uma efeméride, quando ela diz respeito a uma pessoa e, mais ainda, a um ser até muito recentemente presente entre nós?

Para os democratas, a celebração do aniversário de alguém deve, necessariamente, constituir um momento de reflexão sobre o que a vida do homenageado representa em termos de dedicação à causa da justiça social, à afirmação das liberdades reais, ao fortalecimento dos legítimos valores da nacionalidade, ao engrandecimento cultural do povo de seu país e à defesa incontestável da cidadania como fonte universal de participação no poder e nos destinos de uma nação.

Pois bem: estas linhas pretendem festejar, com a admiração e o júbilo próprios de um discípulo respeitoso, a trajetória pessoal, profissional e literária de um brasileiro modelar que teria completado 100 anos em 24 de julho de 2018. Refiro-me a Antonio Candido de Mello e Souza, professor, escritor, pensador e, acima de tudo, militante democrata que conferiu um toque de seriedade absoluta a uma atividade produtiva em que a qualidade científica, o rigor acadêmico e a precisão de conteúdo se aliaram a uma profusão capaz de surpreender e fazer pasmar o mais cético dos observadores do movimento editorial de nossa terra.

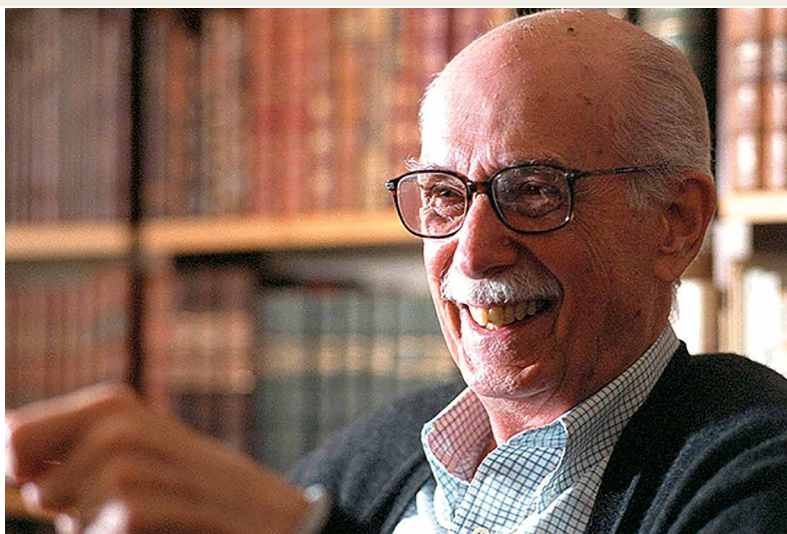
Antonio Candido lecionou na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo

durante quase quatro décadas (1942-1978), não tendo descuidado, por um dia sequer, de participar da vida que segue fora dos limites acadêmicos, nos quais uma tendência à acomodação é notória em todos os quadrantes do mundo. Mestre irrepreensível, galgou diversas etapas até atingir a titularidade, tendo requerido sua aposentadoria em episódio, de cunho eminentemente político, que traz a marca da personalidade de um homem que sempre soube colocar os supremos valores da consciência acima de conveniências de natureza material e burguesa, não fazendo concessões de qualquer espécie aos atrativos da burocracia.

Professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis (São Paulo), atualmente integrada na Universidade Estadual Paulista, sua atuação naquela prestigiosa instituição é reverenciada por quantos ali passaram, constituindo suas aulas autênticos monumentos de formação de brasileiros conscientes e consequentes, gente que, ao vê-lo e ouvi-lo, podia ter a certeza de que a existência merece ser encarada como um bem precioso demais para ser desperdiçado com questões que não passam pelo fortalecimento do homem como indivíduo na sua espécie e pessoa no conjunto da sociedade.

Como sociólogo, crítico e historiador literário, Antonio Candido levou ao paroxismo sua postura de intelectual engajado, de pensador sempre atualizado, de cidadão permanentemente ocupado e preocupado com os problemas estruturais que a humanidade deve enfrentar e superar para libertar-se inteiramente e poder realizar a felicidade completa, a utopia.

A leitura de apenas algumas de suas dezenas de obras seria suficiente para ajudar na compreensão dos incontáveis



tropeços conjunturais e retrocessos institucionais por que passou, passa e, previsivelmente, ainda vai passar, o processo civilizatório brasileiro. Com efeito, *Formação da literatura brasileira* (1959), *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1965) e *Um funcionário da monarquia: ensaio sobre o segundo escalão* (2002) se impõem como primorosos exemplares da mais perfeita e acabada investigação literária, histórica e sociológica desenvolvida em nosso país, com vistas à compreensão dos graves e hereditários problemas nacionais.

Por tudo o que fez, pensou e escreveu em vida, Antonio Candido quase chegou aos 100 anos ombreando com outros grandes brasileiros de sua geração que,

tendo atingido idade tão significativa, igualmente se revelaram, em todos os momentos, de inabalável honestidade intelectual e política. E, quando faço tal afirmativa, estou a pensar, por exemplo, num Oscar Niemeyer, num Evaristo de Moraes Filho, num José Mindlin, num Goffredo Telles Júnior, num Fernando Bastos de Ávila.

O espaço aberto para esta homenagem ao centenário de nascimento de Antonio Candido permitiu que se perpetuasse, ainda que singelamente, o registro de uma rara trajetória existencial pela prática incondicional das virtudes da integridade, da lealdade, da honradez, do respeito, da solidariedade, do patriotismo e do pensamento.

FABIO DE SOUSA COUTINHO nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1951. Diplomado em Direito, com mestrado em Direito Internacional e Comparado pela Southern Methodist University (SMU), Dallas, Texas. Advogado, vogal da Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro, subsecretário de Justiça e do Interior/RJ, advogado do Banco Mundial, membro da Comissão de Ética Pública da Presidência da República (2009-2012). Membro efetivo do PEN Clube do Brasil, da Academia de Letras do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e da Academia Brasileira de Letras. Sócio-fundador da Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Em 15 de abril de 2015, foi eleito presidente da Associação Nacional de Escritores (ANE), para o biênio 2015-2017. Colaborador em periódicos. Participou da coletânea *Espelhos da palavra/ Espejos de la palabra*, 2001, Abrace Editora; *30 anos de poesia*, 2008, Poabras. Bibl.: *Differences between civil law and common law procedure as illustrated by Brazil and the United States*, 1977; *O princípio da legalidade*, 1981 (em parceria); *Princípios constitucionais tributários*, 1993 (em parceria); *Leituras de Direito Político*, 2004; *Juristas na Academia Brasileira de Letras*, 2006; *Três irmãos do Recife*, 2009; *Alfredo Pujol*, 2010; *Elogio de Fernando Mendes Vianna*, 2010; *Lafayette Rodrigues Pereira*, 2011; *Em louvor a Drummond*, 2012 (em colaboração); *Cadeira 24: dos rios do Pará aos verdes mares do Ceará*, 2013 (em colaboração); *Crônicas de um leitor apaixonado*, 2015; e *Lucia – uma biografia de Lucia Miguel Pereira*, 2017.





Diplomacia é quase amor, por Luiz Fernando Borgerth

UM SONHO

I have a dream.

Martin Luther King

Eu tenho um sonho.
Um sonho grande e belo
como a vida.
E essa bandeira agitarei como um libelo
ante o nariz da morte.

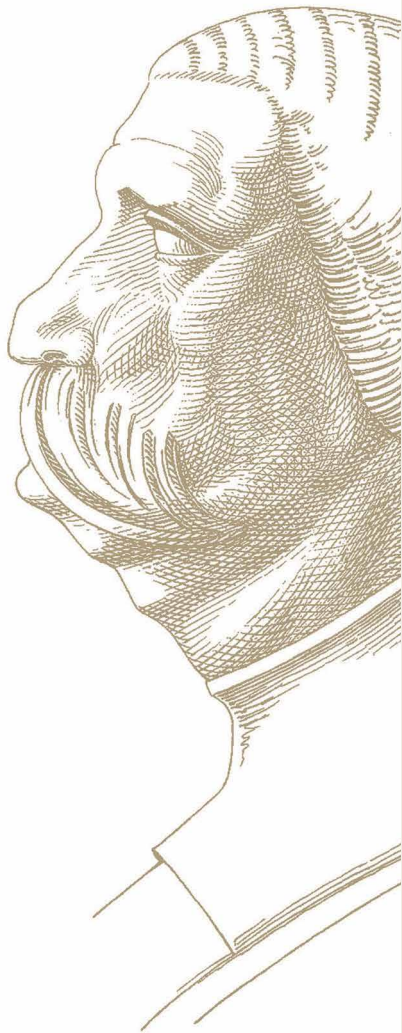
Eu tenho um sonho.
Aos sequazes da morte,
aos *profiteurs* da morte,
aos que industrializam a morte,
aos comerciantes da morte
será morte o meu sonho.

Não me ofereçam coroa de rei
nem coroas de louros.
Eu tenho um sonho.

O homem que tem um sonho
é maior do que o rei,
é mais forte que o herói,
é mais belo que o poeta.

Mas eu,
que não sou belo,
nem forte,
nem grande,
eu tenho um sonho.

Sim,
eu tenho um sonho.
Farei comícios demagógicos,
comporei poemas ridículos,
escreverei cartas comprometedoras,
cantarei canções piegas,
serei escravo,
mendigo
e palhaço
para que vingue o meu sonho.



Pois tenho um sonho.
Acreditem os adoradores do Lucro,
os beneficiários da Força,
os idiotas da Contenção do Verbo,
os antirromânticos por falta de inspiração
ou por conveniência,
os solitários do Medo,
os bandoleiros do Vício:
Eu tenho um sonho!

E no meu sonho a Terra é azul e verde
e o homem tem a cor de sua alma.

Por Deus, eu tenho um sonho!
E nesse sonho o Homem se levanta
acima das contingências,
acima da dor e do dólar,
acima do sigma e do estigma,
acima da fome e do estrume,
acima da cor e do *décor*,
acima do grotesco e do sublime,
acima de todas as desagregações,
acima de todas as degradações,
acima de todas as ruínas.

Eu tenho um sonho.
E porque tenho um sonho
sou homem.

ANDERSON BRAGA HORTA nasceu em 17 de novembro de 1934 em Carangola, Minas Gerais, e reside em Brasília desde 1960. Também contista, ensaísta e tradutor, publicou os seguintes livros de poesia: *Altiplano* e *Outros Poemas*, Marvário, Incomunicação, *Exercícios de Homem*, *Cronoscópio*, *O Cordeiro e a Nuvem* e *O Pássaro no Aquário* (1971-2000); *Fragmentos da Paixão: Poemas Reunidos*, *Pulso* e *Quarteto Arcaico*, 2000; *Antologia Pessoal*, Thesaurus, Brasília, 2001; *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, Galo Branco, Rio, 2003; *Soneto Antigo*, Brasília, 2009; *Elegia de Varna*, trad. Rumen Stoyanov, Sófia, 2009; *Signo: Antologia Metapoética*, Thesaurus, 2010; *De Uma Janela em Minas Gerais – 200 Sonetos*, Guararapes–EGM, 2011; *De Viva Voz*, Thesaurus, 2012; *Tiempo del Hombre*, Lima, 2015.



INFILTRAÇÃO

O poema não cessa, ele caminha,
Se infiltra pelas células e seus prolongamentos;
Ele se insinua, se instila, invade
Como centúria absorvida em momentos,
Diluída em fragmentos,
Impregnada de vento, assombro e lamento.
O poema é sagrado impulso, é vulcão
Consagrado ao culto da veneração,
Do cultivo, da fermentação,
Do encontro brusco com a inquietação.
O poema é fábula, é mito intrometido
Nas figurações do verbo aturdido:
Um alarido,
Um grito...
O poema é temático,
Dramático, hepático, dogmático,
Um desvio idiomático,
Encenado em pátio volátil;
O poema sou eu, comigo mesmo,
A emoção pura espalhada a esmo,
O riso louco que concebo
Qual delicioso chamego,
Um saboroso torresmo,
Um sebo;
A forma de dizer: não te esqueço.



ALVOROÇO

Eu tenho em mim muitos desertos
Que, pelas noites, se debruçam, frios,
Como lâminas, a fatiar-me o peito.
E levo em mim agravos abertos
A endoidecer o poema de arrepios,
Como beijos que se dão no leito.
Eu trago em mim este abandono,
Uma orfandade feita de calafrios,
Um alvoroço a me revirar do avesso.
Carrego, enfim, o assombro emerso,
Que apaga estrelas e afunda navios,
Que, no infinito, transborda no verso.

RAINHA DAS CENOURAS

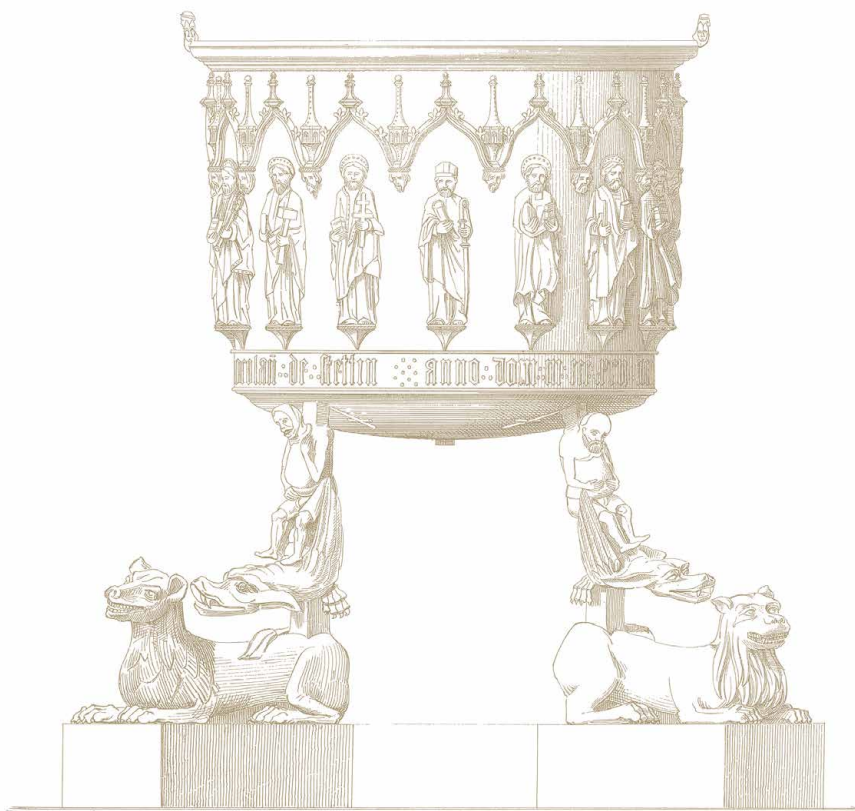
Assim vinhas a arrastar os pés sob o peso das tuas cenouras.
Pelo dia ensolarado a esquentar o linho das tuas tingidas roupas;
Quem não te vira antes por estas margens da fluvial manjedoura,
Com a cabeça erguida, a equilibrar a cesta de tua lavoura?

Assim vinhas , ó rainha das cenouras, por entre a brisa do rio e o olhar de
teu povo;

Assim ias, ó congoleza moura, como uma divindade a espalhar no ar indulto novo.
Te observo sem saber porque, te admiro pois és própria das exauridas serras,
Ao carregar nos ombros o entumecido arrastão das perdidas quimeras.

Perto do teu tabuleiro sinto o frugal aroma das substâncias da terra,
Distante estou desse mundo estoico que a constância da tua vida encerra.

Ó rainha das cenouras, és valente, és heroica, és gigante,
És este nó cego que emociona e que me explode na garganta.



FLOREIOS

Vou expandir a consciência além dos limites para fazer da formiga um elefante e modular o brado num timbre sempre mais alto, passeando com as palavras por entre as estrelas para ser o arauto de mim mesmo e fazer ecoar no horizonte a minha voz ante os sábios do mundo. Quão pequenino sou perante os doutores, os poderosos, os mestres, porém, quão gigantesca é a extravagância, a imprudência, a tolice, o orgulho de julgar que, com minhas palavras, apenas palavras, posso trazer alegrias, impingir tristezas, fazer rir ou chorar, amar ou odiar, matizar floreios, transformar humores, expulsar a amargura da alma de tanta gente.

Por que me escuto? Por que me dou ao trabalho de venerar a vida em mim e nos outros? Por que essa sarna, essa vontade de extrapolar tudo o que me vem à cabeça? Para que essa mente pensante que mal me deixa dormir à noite, descansar de dia, sossegar no meu canto?

Assim sou sem simulações a simular-me de pensador ou de gafanhoto vestido de leão num mundo louco onde velhacos e frenéticos se confundem na mesma panela azeda.

Em verdade, não fui gerado do cérebro, nem da razão, mas do prazer e do ímpeto. Nasci na Cidade Luz onde luzes nem são necessárias para exhibir a arte que brotou do engenho humano. E foi lá que ri gostosamente ao ver pela primeira vez a beleza de minha mãe. E tem sido assim, em toda parte que me meto a rir gostosamente na frente dos outros ou me ponho a chorar copiosamente em algum esconderijo.

Já cheguei a escrever sensatamente – muito e tanto – hoje, todavia, nem me importo: proclamo apenas o fulminante desejo de fazer o leitor sorrir.

Consegui?



RAUL DE TAUNAY é embaixador do Brasil em Brazzaville, autor de romances, livros de poesia, ensaios, artigos e análises do cenário internacional, vistos do ângulo das possibilidades e dos interesses brasileiros. O plenário da Academia Brasileira de Letras outorgou-lhe em dezembro de 2005, por unanimidade, a Medalha João Ribeiro. Entre tantas obras destacam-se: O menino e o deserto, romance, pelas Editoras Vignoli e Anima; Meu Brasil Angolano, romance, pelas Editoras Record e Prefácio de Lisboa; O Andarilho de Malabo, internauta em verso e prosa, dois livros geminados, poesias e crônicas, pela Editora 7 Letras; A Lucidez da Lenda: um ensaio sobre o futuro, romance, pela Editora PandorgA. <www.rauldetaunay.com>



Mulheres no Itamaraty, por Tony Lima

SESSENTA VERSOS DE VIVAS AO BRASIL

Quando a aurora invade a praia
Em tons de mel, de magenta e de siena,
Queimando estrelas que se arrastam rápidas e trêmulas,
O sol arde como à tarde na manhã altiva.
Então, eu digo, ainda sonolenta:
– Viva o Brasil – estrela forjada em brasa viva.

Quando cai uma estrela e acende-se uma fábrica,
E chega o verão, de urdiduras revestido,
E a ele vem somar-se um pássaro prateado,
Que corre e que se arrisca contra os ventos,
Arrisco em tom ainda tímido:
– Viva o Brasil – seus engenhos e inventos.

Quando a primeira onda milenária
Curva-se aos ricos, aos pobres, aos patrões, aos operários,
E os últimos fogos tombam do céu escuro
Diante do meu olhar estupefato, do alto do edifício,
Desassombrada e perspicaz eu falo:
– Viva o Brasil – fogo sem artifício.

Quando famintos, de pele seca, ainda resistentes,
Caminham entre o gado de ossos aparentes,
E, sedentos, bebem as lágrimas de suas emoções mais verdadeiras,
Solidária e confiante, eu brado com firmeza,
E com a mesma estrela na constelação do peito:
– Viva o Brasil – que não feriram na nobreza.

Quando vejo, conjugados, os talentos
Acercarem-se nas asas de um novo tempo,
E, o sonho da reconstrução, que é iminente,
Sobrevoar as cidades, as plantações, os monumentos,
Eu me concentro, congrego-me e ergo a voz:
– Viva o Brasil – que não se curva com os ventos.

Quando tornamo-nos apenas um
Abençoados pela originalidade de sermos diferentes,
Fundimos todas as gerais antagonias,
Multiplicando fortaleza sem limite,
De tal forma, eu canto:
– Viva o Brasil – país mais belo não existe.

Quando a arte é acalentada
Por novo espírito – não foi acaso ouvindo estrelas
Que recuperamos o senso? Eu lhes direi,
Despindo-me de todas as mortalhas,
A voz mais firme, desde já revigorada:
– Viva o Brasil – herói de todas as batalhas.

Quando tornando-se real prossegue vívido
O sonho do bom e dividido alimento,
Maior que as chances de qualquer fracasso,
Eu, que alimentei com versos a semente,
Acordada afirmo em tom seguro:
– Viva o Brasil – viva a sua nobre gente.

Quando nova canção é entoada
Nos quatro cantos do imenso continente,
E novos sons são amplamente divulgados,
Eu lanço em lá maior um vigoroso “bis”
Na partitura antiga de um porvir tão esperado:
– Viva o Brasil – seus múltiplos perfis.

Quando sublime é o sentido dessa eleição,
Que quinta-essenciou ser democrata,
E ao povo faz gritar de júbilo e em euforia,
Eis o início do fim da fome e da agonia.
Não posso mais conter-me e, exaltada, eu grito:
– Viva o Brasil – viva a democracia!



AUREA DOMENECH nasceu e cresceu no Rio de Janeiro, Brasil. Além de poeta é artista plástica, tradutora e advogada. Participou de algumas exposições pelo mundo, tais como na The Great Saint Mary's Church, a igreja da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, com um trabalho sobre o Aleijadinho, o mestre brasileiro da escultura. É autora de Curto Tempo (Editora Prol, 1983), O Pescador de Sombras (Editora Achiamé, 1989), Tempestades de Areia (Editora 7Letras, 2016) e Memórias na Chuva (Editora 7Letras, 2017).



Itamaraty em vermelho, por Lúcia Costa

A MEMÓRIA *

Essa memória me assombra, a que o vento dobra
De repente, lá longe, sobre uma casa fechada.
É um grande barulho de serapilheira pelo mundo,
E se poderia dizer que o tecido da cor
Vem de rasgar as coisas até o fundo.
A memória se distancia, mas revém
É um homem e uma mulher de máscaras, parece que eles tentam
Fazer flutuar um barco grande demais.
O vento recolhe o véu de seus gestos,
O fogo incendeia o véu, a água é negra,
Que fazer de teus dons, ó memória,
Se não recomçar os sonhos mais antigos
E crer que eu estou desperto?
A noite está calma,
A sua luz cintila sobre as águas,
O véu de estrelas balança com o sofrimento
Na brisa que sopra pelos mundos.
A barca de cada coisa, de cada vida
Dorme, na massa de sombra da Terra.
E a casa respira, quase sem barulho,
O pássaro cujo nome não sabíamos no vale
Ele levantou voo por obrigação, diríamos escarnecendo
Mas não sem compaixão, de algo que nos dá medo,
Suas duas notas quase indistintas bem perto de nós.
Eu me levanto, eu escuto esse silêncio
Eu vou à janela, uma vez mais,
A qual domina a Terra que eu amei.
Alegrias, como um remador ao longe, que se mexe pouco
Sobre o lençol brilhante; e mais longe ainda
Queimam sem barulho terrestre os fachos
Das montanhas, dos rios, dos vales.
Alegrias, e nós não sabíamos se estavam em nós
Como um vão rumor e vislumbre de sonho
Aqueles em seguida às salas e às mesas
Carregadas de frutas, de pedras e de flores,
Ou aquelas de que um deus gostaria, para uma festa
Que ele daria, desde que nós consentíssemos,
Um verão inteiro na casa da sua infância.
Alegrias, e o tempo que desanuviou, como um rio
Na inundação, à noite, desemboca no sonho,
E faz doer a ribeira, e faz dispersar
As imagens mais serenas na lama.
Eu não quero saber da questão que cresce
Dessa terra em paz, eu me desvio,
Eu atravesso os cômodos de um andar
Onde dorme toda uma parte do que eu fui,
Eu desço pela noite dos arcos de uma extremidade

Em direção ao fogo que vegeta na igreja,
Eu me pendo sobre ele, que arde d'uma vez,
Como um sonolento que lhe encosta no ombro,
E se redispõe um pouco, ascendendo a mim.
A epifania de seu rosto de brasa.
Não, em vez disso, renda-se a mim, fogo eterno
Vista sobre ti o manto de tuas cinzas,
Reconsidere teu sonho, desde que bebas
Tu também da taça de ouro rápido.
Não é hora ainda de portar a chama,
No espelho que nos fala à sombra,
Eu tenho que residir sozinho.
Eu abro a porta
Que dá para as amendoeiras onde nada se move,
Tão pacífica é a noite que as veste de lua.
Eu avanço sobre a grama fria. Terra, terra,
Presença que tanto consente, tanto dá,
É verdade que nós tínhamos já vivido
A hora em que vemos se apagar, galho por galho,
As guirlandas da noite de festa?
E não sabemos
Sós de novo na noite que se acaba,
Mesmo que se queira que reapareça a alvorada
Tanto quanto o coração fique preso a essas vozes que cantam
Lá longe, ainda, e que se fazem indistintas
Se distanciando pelos caminhos de areia.
Eu vou
Ao longo da casa em direção à ravina, eu vejo
Vagamente espelhar as coisas do simples
Como um caminho que se abre, sob a estrela
Que prepara o dia.
Terra, é verdade?
Que tanta seiva na amendoeira no mês das flores,
Tanto fogo no céu, tantos feixes de luz
Desde a aurora nos vidros, no espelho,
Tantas ignorâncias nas nossas vidas, mas tantas esperanças,
Tanto desejo de ti, Terra perfeita,
Não foram feitas para morrer como um fruto
Que em seu instante de êxtase cai
Do galho, da matéria, sabor puro?
Eu vou
E parece que alguém anda ao meu lado,
Sombra, que sorriria tanto quanto o silêncio
Como uma menina, pés nus na grama,
Acompanha um instante que por sua vez parte.
O qual então para, e ela o olha,
Ele toma em suas mãos com prazer esse rosto
Que é a própria Terra.
Adeus, ele diz
Presença que foi só pressentida
Se bem que misteriosamente tantos anos, tão próxima,
Adeus, imagem impenetrável que nos atraiu
Sendo a verdade enfim quase dita,
Certeza, aqui onde tudo não foi mais que a dúvida, e quase quimera

Palavra tão ardente quanto real.
 Adeus, nós não te veremos reclamar da lareira
 Todo teu perfil de servidora divina.
 Adeus, nós não tínhamos o mesmo destino,
 Você tomou este caminho e nós aquele outro,
 Entre o adensamento desse vale
 Que o desconhecido negligencia
 Com um grito rápido de pássaro que rapina.
 Adeus, você já foi tocada por outros lábios,
 A água do rio não pertence mais ao seu curso,
 Exceto pelo imenso barulho claro.
 Eu tenho inveja do deus da noite que se penderá
 Sobre o envelhecimento da tua luz.
 Terra, essa que chamamos de poesia
 Terá te desejado tanto neste século, sem ganhar
 Jamais de ti o bem de um gesto de amor!
 Ele triscou em suas mãos, em seus lábios,
 Ele a reteve, sorrindo, pela nuca,
 Ele a observa, nesses olhos que se desfazem
 Na fosforescência do que é.
 E agora, então, ele se desvia.
 Eu vejo que ele se afasta na noite.
 Adeus?
 Não, não era essa a palavra que eu sei dizer.
 E os meus sonhos, fechados
 Um contra o outro, e contra o outro, de novo, assim
 A saída das ovelhas na primeira geada,
 Retomando piedosamente seus mais velhos caminhos.
 Eu me desperto noite após noite na casa vazia,
 E me parece que um passo me precede ainda.
 Eu saio
 E me espanto que o poste esteja aceso
 Nesse lugar deserto de tudo, em frente ao estábulo.
 Eu corro para o quintal, porque o chamado
 Do pastor de antes ainda repercute.
 Eu escuto o latido que precedeu este dia,
 Eu vejo a estrala beber entre as feras
 Que não existem mais, sob a luz.
 E ressoa ainda a flauta
 Na fumaça das coisas transparentes.



O CORAÇÃO, A ÁGUA IMPERTURBADA*

Você está feliz ou está triste?
 Se é que eu jamais soube.
 Exceto que nada pesa
 Ao coração sem retorno.

Nenhum passo de pássaro
 Sobre esta claraboia
 De coração atravessado
 Por jardins e sombra.

Uma preocupação contigo
 Que bebeu minha vida
 Mas nessa folhagem
 Nenhuma lembrança.

Eu sou a hora simples
 E a água imperturbada.
 Se é que te amar eu soube.
 Não sabendo morrer?

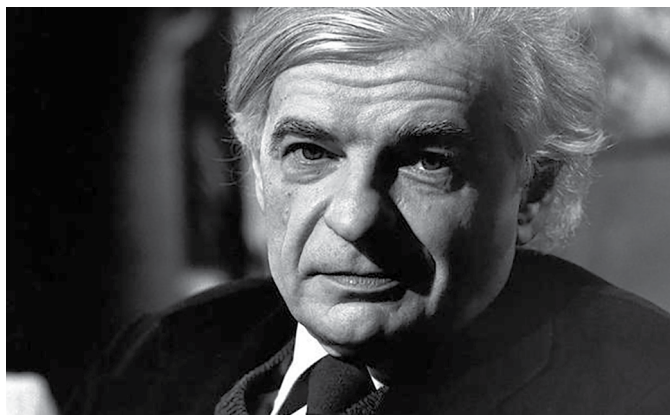
**Tradução de Ana Paula Arendt*

A POESIA É A FUNDAÇÃO DO SER



u iria até o ponto de dizer que a poesia não é a mesma coisa que a verdade. A poesia é fundadora. Fundadora do ser. Nós temos de, no mundo do conceitual, que é o nosso, habitar em uma espécie de imenso andaime de noções, de sentidos, de representações, e tudo isso é fundamentalmente irreal. É nesse sentido que, por exemplo, a experiência da nossa finitude, do tempo que passa, do que é irremediável no tempo, tudo isso escapa a essas formas de representação. E como é irreal, tudo isso pode desmoronar de um momento para o outro. Podemos nos encontrar em uma catástrofe, podemos nos encontrar à beira do abismo... Podemos ter o sentimento de que tudo o que tínhamos no seio de nossa língua e de nossas palavras não é nada mais do que uma quimera, da qual não resta, neste instante, mais nada. Experiência do não ser. E nessas condições, o que podemos fazer? Ou se deixar levar por esse não ser, mergulhar nele, viver uma experiência que chamaremos de mística, ou - e é isso que me parece ser a poesia - nos darmos conta de que na beira do abismo em que nos encontramos, há um outro próximo a nós. Uma coisa assim, tão simplesmente. E então, podemos nos voltarmos para esse outro, para lhe propor uma aliança que será criadora de um lugar. Um lugar no não-lugar universal, mas um lugar, para nós, suficiente. E é isso que se chamaria o ser. Então eu diria então que esse movimento, do retorno ao outro que precisa da palavra, que cria uma palavra bem simples para ser a ligação, esse movimento é a poesia.

YVES BONNEFOY (1923-2016), grande poeta francês da segunda metade do século XX, crítico de arte e tradutor, é um equivalente ao nosso Carlos Drummond de Andrade na França. Doutor honoris causa nas principais universidades do mundo, citado para o Prêmio Nobel de Literatura diversas vezes, Grande Prêmio da Academia Francesa de 1981, e Prêmio Goncourt de 1987.





Faxina no Itamaraty, por José Rosário Castro

OSSOS DE BORBOLETA

Só o espectro do toque
E me entoco.
Chegas e
Terremotas a alma:
Solo intocado.
Me sugas notudo;
Ao depois, cachoeiro relâmpagos.
(Durmo as mil noites)
Beija-floreias, agora, veredas outras...
Fica
O sertão de imensos;
Mas tua língua
Vadia
No corpo que não me é:



ROBERTO MEDINA é escritor, crítico, tradutor, pesquisador em Literatura Comparada – UnB, professor de pós-graduação em Direção Teatral (Faculdade de Artes Dulcina de Moraes/Fundação Brasileira de Teatro) e em Fotografia como suporte da imagem (Espaço f/508 de Fotografia), Brasília, Distrito Federal.

AFORISMOS E EPÍGRAFES DE PAULO GRINSPUN

O DIA DOS NAMORADOS NO BRASIL

“Feliz Dia dos Namorados, minha querida Ferrari vermelha que já estou namorando na concessionária há mais de seis anos.”

VOTO IMPRESSO VERSUS VOTO ELETRÔNICO

“G1: ‘Por 8 a 2, STF derruba voto impresso nas eleições de 2018.’ A sorte dos ministros foi a não utilização da urna eletrônica nessa votação que realizaram. O resultado teria sido bem diferente.

O ALTO PREÇO DA GASOLINA NO BRASIL

Era um homem refinado:
uísque só escocês,
azeite só da Beira,
vinho só francês
e gasolina brasileira.

‘FAKE AND REAL NEWS’

Afora as seções de esportes,
política e que tais,
breve revistas e jornais
terão, quebrando tabus,
seções especializadas em real news.

NO AR

Pensamento à toa:
dentro de um avião
só o tempo não voa.

QUESTÃO RELATIVA

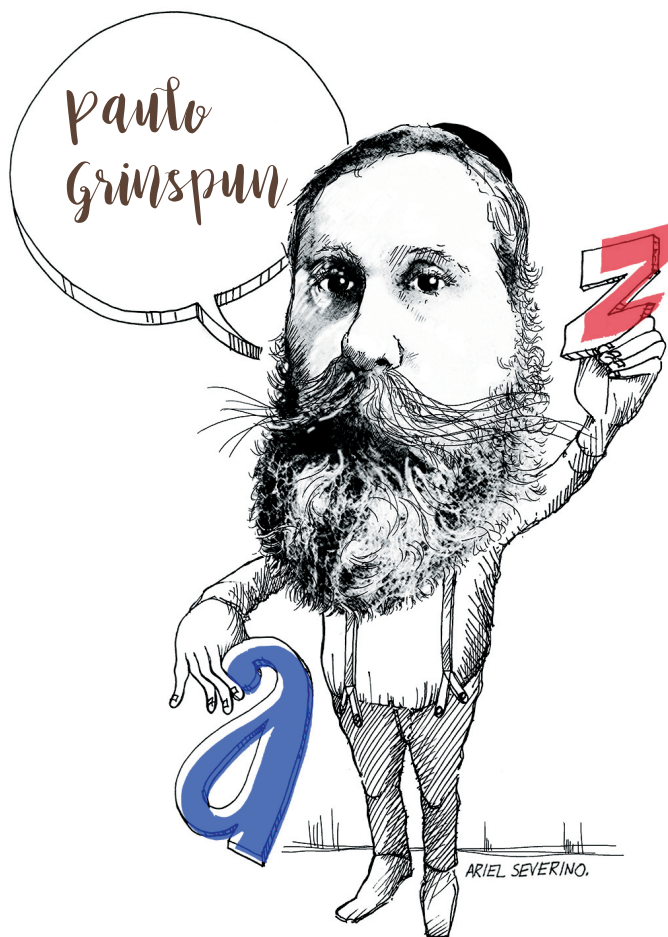
— Senhor, senhor, por favor! Pode responder à nossa pesquisa?
— Claro.
— Então... O senhor é contra ou a favor do desarmamento?
— Contra ou a favor? Depende.
— Como assim? Depende do quê?
— Se eu for a favor, o Governo vai me proteger de quem for contra?

O IRÃ E A BRASILIDADE

G1: “Irã diz que pode produzir urânio enriquecido em dois dias se EUA deixarem acordo.”
Dois dias? Impossível! O Brasil leva alguns meses para enriquecer um simples político.

FALTA DE SERIEDADE

Nunca houve tantos humoristas se julgando sérios.



QUESTÃO DE ESCOLHAS

Acho irônica a expressão “treinador de futebol estudioso”. Ora, se fosse mesmo estudioso não seria treinador de futebol, e sim astrofísico, neurocirurgião ou engenheiro mecatrônico.

A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

R7: “Sologamia! Nova moda da internet envolve pessoas que se casam com elas mesmas.”
E o que elas fazem quando o casamento não dá certo?

PAULO GRINSPUN é escritor, judeu, hassídico, ético, ácido, crítico, apolítico, rubro-negro caucasóide carioca de meia-idade, casado, recluso e usa óculos, além de ser totalmente avesso a rótulos.

A POESIA PERVERSA DE
 CELSO DE ALENCAR

UMA MULHER PEDIU-ME QUE
EU LHE ESFAQUEASSE AS PERNAS

No inverno de 1977
uma mulher pediu-me
que eu lhe esfaqueasse as pernas.
Foi num final de tarde.
Verdadeiramente era inverno
e os pássaros se agasalhavam
e o sol já se escondia
tal como um ovo alaranjado
ou um holofote sagrado.
As flores eram pequenos candelabros
que se apagavam dentro das pétalas
e se moviam com o vento do fim do dia.
Foi lamentável
pois eu jamais havia
esfaqueado à tarde
bem menos, as pernas.
Mas eu as esfaqueei.
Três vezes
cada uma delas.
Foram golpes profundos, verticais,
mas com sutileza,
como uma rosa branca,
e todos envolvidos por uma delicadeza,
uma candura, que ressoavam
dentro dos meus ouvidos
de lebres encantadas.
Eu ouvia músicas ternas, primitivas,
que saíam da minha voz
e se deitavam sobre
o corpo esfaqueado.
Eu sussurrava com conforto
palavras de afeto e joviais
e modinhas do frescor da noite e silvestres.
Isso foi no inverno
do ano de 1977.



MULHERES

No grande interior do país
há mulheres que ainda constroem
suas próprias calcinhas.
São feitas sempre de algodão
e as mais belas trazem bordados
de florzinhas coloridas.
Elas cortam, alinham, costuram, com delicadeza
e as amam como se amassem a si.
Há mulheres que ainda usam pedaços de pano
para absorver o sangue da menstruação noturna
e há aquelas que têm corrimentos amarelados
expostos nos varais onde são secadas as roupas.
Ainda há aquelas em que não há gozo
porque são ignorantes
e seus companheiros também são ignorantes
e veem as mulheres como depósito de seu lixo.
Não há mulheres que se beijem
nem mulheres que toquem seus sexos.
Há mulheres que matam suas próprias vaginas.
No grande interior do país
ainda há mulheres criando
suas calcinhas.

CELSO DE ALENCAR, um poeta brasileiro.

CELSE DE ALENCAR E SEU UNIVERSO PERVERSO

✎ FABIANO FERNANDES GARCEZ



celso de Alencar é uma das vozes mais eloquentes do atual cenário da poesia brasileira, desde sua longínqua estreia: *Tentação*, de 1979. A cada novo livro, Celso nos brinda com sua poesia única e inesperada, por vezes avassaladora, que é a porta de entrada para um universo incômodo, carregado de perversidade, sadismo, obscenidade, blasfêmia, violência e ironia.

Seus poemas revelam, em meio a uma poderosa poética, com pitadas de surrealismo, ecos de parábolas e lendas, léxico e ritmo bíblicos, a triste realidade de dores, angústias e miséria humana. A mulher é um tema recorrente da poética de Celso de Alencar, como também é recorrente o tom narrativo de seus poemas, em que quase metade deles servem para apresentar o cenário, geralmente arcaico e bucólico, e os personagens, corriqueiros e ordinários, para depois levar o leitor ao seu universo e seus personagens a fatos incomuns e ações extraordinárias. Veja em “Mulheres”, de *O coração dos outros* (Pantemporâneo, 2014): Ainda há aquelas em que não há gozo/porque são ignorantes/e seus companheiros também são ignorantes/e veem as mulheres como depósito de seu lixo./Não há mulheres que se beijem/nem mulheres que toquem seus sexos./Há mulheres que matam suas próprias vaginas.(...); ou como no poema “Uma mulher me pediu para que me esfaqueasse as pernas”, de *Poemas Perversos* (Pantemporâneo, 2011): Foi lamentável/pois eu jamais havia /esfaqueado à tarde/bem menos, as pernas./Mas eu as esfaqueei./Três vezes/cada uma delas./Foram golpes profundos, verticais,/mas com sutileza (...)

Para Theodor Adorno a poesia é um protesto contra um estado social que todo indivíduo experimenta como hostil, alheio e opressivo, talvez seja por isso que Celso de Alencar coloque seu leitor em um cenário conhecido, aprazível, para logo depois puxar-lhe o tapete e jogá-lo para dentro da psicopatia humana.

FABIANO FERNANDES GARCEZ nasceu em 3 de abril de 1976, na cidade de São Paulo. Formou-se em Letras, é professor de Língua Portuguesa. É autor dos livros *Poesia se é que há* (2008), *Diálogos que ainda restam* (2010), *Rastros para um testamento* (2012) e *Em meio ao ruídos urbanos* (2016), finalista do Prêmio Guarulhos de Literatura 2017. Faz parte do grupo idealizador do Tragos e Papos, discussões literárias na Livraria Nobel (Guarulhos). É criador e produtor do programa Sala de Leitura no Youtube.

O PERIFÉRICO RAIZ

✧ PAULO SPOSATI ORTIZ



elso é inquieto. Apesar da placidez no trato (para quem o conhece no mundo real) e seu eterno ar risonho, ele não para; ao menos, é a sensação que nos dá, leitores e amigos. Poeta dos anos 70, já foi marginal, vendendo folhas avulsas com versos despudorados seus, mas sob um humor já peculiar. Da lixeratura, ficou a preocupação com o mundo existente, o olhar atento àquele cotidiano desprezado tanto quanto os personagens reais que o acompanham, e ainda marginalizados.

Passa pelos anos 80 e 90 do século XX passado em livros publicados por editoras pequenas, consolidando aos poucos uma voz dissonante, na estranha mescla entre palavrões e tragédia, seja familiar ou coletiva (a identidade nacional se faz por estranhamento, inclusive por nomes estrangeiros). O que era particular passa a ganhar envergadura cósmica, ao menos no que temos de humano (ou não temos — e tudo gira por subtração, espreitado por um lado obscuro insuspeito, porém com um quê de ternura, ironicamente ou não).

O baixo corporal prossegue sendo explorado na virada do milênio, sempre acompanhado por um de seus personagens principais: a mulher. Corrijamo-nos: há duas damas na poesia de Celso de Alencar, a Morte e a mulher pobre, nunca a pobre mulher rica (só se for para rirmos dela). Símbolo da exclusão patriarcal, elas compreendem neste percurso nada poético os pobres, a violência sofrida por ambos, seja física ou verbal ou sexual ou psicologicamente, enquanto a dimensão fantasiosa intensifica a crueldade por meio do absurdo.

Pós-expressionista dos marginais, a simplicidade adentra a sua literatura cada vez mais pelo viés da sutileza, um Manuel Bandeira que retorna ao Simbolismo pela vertente satânica, desnuda, satírica, ao potencializar termos vulgares (dos quais temos vergonha) (e utilizamos), lugares (nossos) vulgares, aquelas pessoas vulgares (que nós somos) com delicadeza pouco explorada na literatura brasileira. Sua inquietude prossegue: agora, é o silêncio feminino, a facada sintática, os corrimentos discursivos, o sufocado sussurro da generosidade do que quer ser humano.

PAULO SPOSATI ORTIZ formou-se em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Escreve nos blogs: Centro Internacional: Poesia Amanhã(C.I.P.A./coletivo) e A diferença do fogo (pessoal), claro que inspirado no livro em mãos, e publica ensaios e poemas em Cronópios, Mallarmargens, dEsEnrEdoS (virtuais), Grito Cultural e Polichinello (impressos). Além de ter feito parte da 41ª e 54ª edições como convidado, foi curador em 2013 das Quintas Poéticas da Editora Escrituras.



Com Rosana Banharoli e Arnaldo Afonso, na Avenida Paulista.

CELSO DE ALENCAR: OS BELOS MATIZES DA CRUELDADE

✎ ELVIO FERNANDES GONÇALVES JUNIOR

No Brasil, há poetas que, ao tratarem de temas como violência ou perversão, não medem palavras. Penso, principalmente, em Roberto Piva e Hilda Hilst, autores já consagrados de nossa literatura contemporânea. Junto a eles, coloco Celso de Alencar.

Chama a atenção, em nosso autor, um jogo de velar e desvelar malícias que, numa primeira leitura de sua obra, nos desconcerta. Poemas que a princípio primam pela simplicidade possuem alguns abismos que o poeta se deleita em esconder para, logo em seguida, revelar com maior grau de surpresa.

É o que ocorre em «Uma mulher pediu-me que eu lhe esfaqueasse as pernas». O estranhamento causado já pelo título só se faz aumentar posto que, a certa altura, o eu lírico nos confidencia: «Foi lamentável/ pois eu jamais havia/ esfaqueado à tarde/ bem menos, as pernas (...)». “Confidência”, em Celso de Alencar, é palavra-chave: o eu lírico nos convida à cumplicidade de seus atos por meio da precisão, do detalhe de suas descrições: “Três vezes/ cada uma delas./ Foram golpes profundos, verticais,/ mas com sutileza,/ como uma rosa branca (...)”. E o lamentável nos parece ser, mesmo, o fato de que alguém já “experiente” no ofício ser solicitado a exercê-lo, algo que, poderíamos assim interpretar, seria feito de própria vontade, sem cerimônias.

Celso é daqueles poetas que transitam muito bem pelo âmbito tanto da crítica social quanto moral (vide o poema “Mulheres”) ciente de que tais esferas se entrelaçam com violência. O talho profundo é feito (ou exposto) sempre no coração de quem o lê.

ELVIO FERNANDES GONÇALVES JUNIOR vive em São Paulo e é Licenciado em Letras – Português/Linguística. Pesquisa a obra de Manoel de Barros. Autor dos livros *O Coração em Si* (Malha Fina Cartonera, 2017) e *Chave Menor* (Patuá, 2018).

A POESIA DO BAIXO-VENTRE

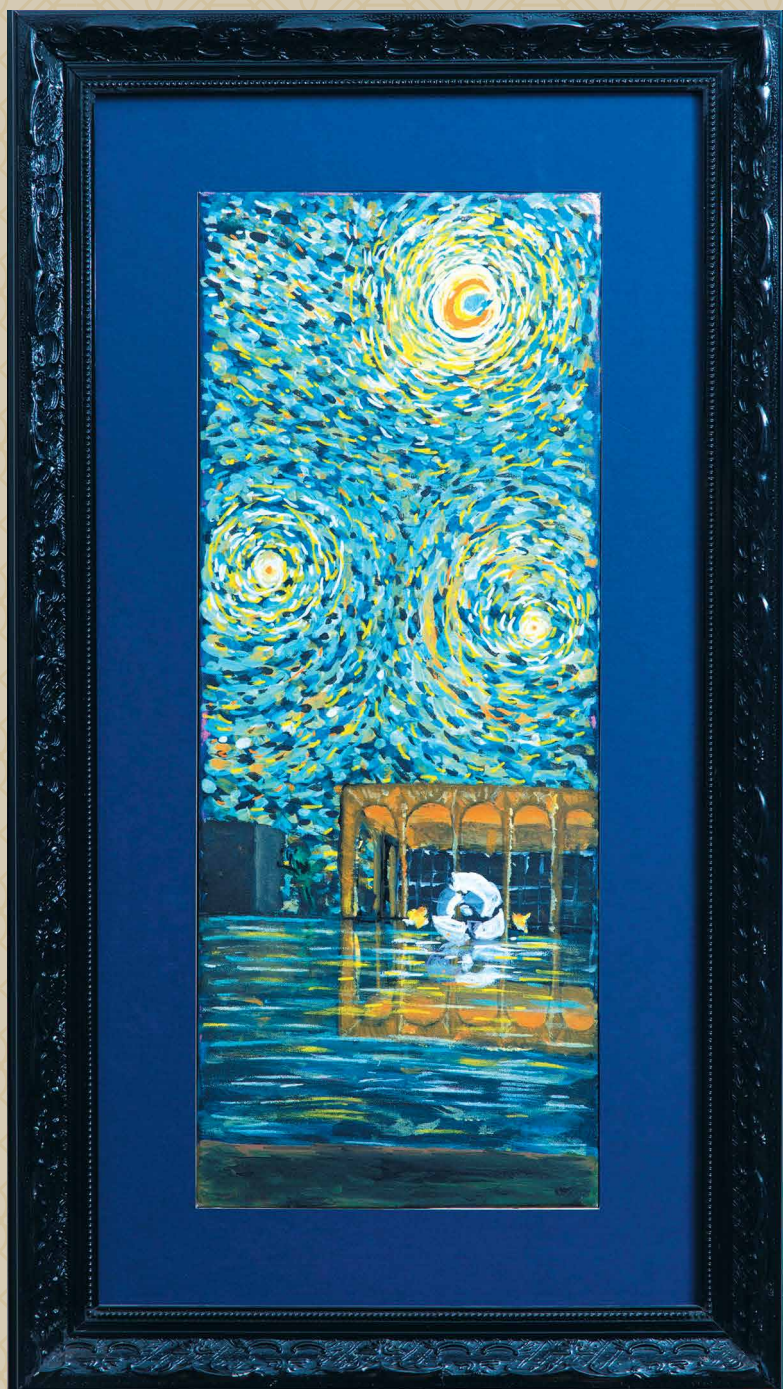
✎ DIOGO CARDOSO

No contexto das tradições literárias, o baixo-ventre era um elemento crucial, principalmente, em obras satíricas e eróticas. Elemento este que se contrapunha a tradições que tratavam dos temas elevados — lírica, trágica, épica, em que os braços eram a força e o olhar, o espelho da alma, para não me estender em exemplos. O que acontece na poesia de Celso de Alencar é que o baixo-ventre invade o espaço lírico revelando a dimensão trágica do que chamamos humano. Não sem razão, Celso é conhecido como poeta perverso, em alusão a um de seus livros, talvez o mais importante de sua obra, *Poemas perversos*, e também pelos temas que permeiam sua poesia. Os poemas desse “perverso” tem um viés fortemente social, mas sem percorrer a via dos poetas engajados ou se valer de uma moral ressentida travestida de materialismo “histórico”. Para dar um exemplo concreto do que digo, basta lermos os versos do poema “Mulheres”, em que Celso apresenta mulheres em situação de total descaso e miséria. Mas em vez de abordá-las como vítimas de um sistema opressor, Celso prefere apresentá-las por imagens que oscilam entre o horror e a delicadeza:

No grande interior do país
há mulheres que ainda constroem
suas próprias calcinhas.
São feitas sempre de algodão
e as mais belas trazem bordados
de florzinhas coloridas.
Elas cortam, alinhavam, costuram, com delicadeza
e as amam como se amassem a si.
[...]
Há mulheres que matam suas próprias vaginas.

Celso faz parte da linhagem de poetas do mal, como Sade, Baudelaire, Rimbaud e Lautréamont, em que a literatura, como diz Bataille, é por princípio culpada e, por ser inorgânica, pode dizer tudo. E na poesia de Celso de Alencar, invenção é a chave.

DIOGO CARDOSO é bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. Na mesma instituição, é mestrando com pesquisa sobre a obra do escritor mineiro Aníbal M. Machado. É autor do livro *Sem lugar a voz* (Dobradura editorial, 2016).



Itamaraty surreal, por Rodrigo Nardotto

∞ POETAS E DIPLOMATAS HOMENAGEADOS

∞ ABHAY K.

BRASÍLIA*

Tra il grado 15 e il 20 grado vi era un seno assai lungo e assai largo
que partiva di un punto che formava un lago. (.. mezzo a *questi monti*
di quel seno apparirà qui la terra promessa fluente latte e miele, sarà una
ricchezza inconcepibile. (Dom Bosco, *Memorie Biografiche*, XVI, 385-394)

Brasília é bastante branca
Brasília é terra rubra em manta
Brasília é o diáfano véu sobre a luz que abrilhanta
Brasília é um colar de pérolas que à noite encanta
Brasília é um manjar turco exótico que me levanta
Brasília é uma cobra prestes a devorar sua janta
Brasília é um vilarejo se passando por cidade
Brasília é uma expressão na geometria da felicidade
Brasília é a cidade invisível de Ítalo Calvino em tenra idade

Brasília é uma profecia de um certo Dom
Brasília é um poema inscrito em pedra, e bom
Brasília é a canção de Carlos Drummond

Brasília é o diamante na coroa
Brasília é um avião imenso que não voa
Brasília é uma vila de Amauri submersa à toa

Brasília é a Clarice Lispector sonâmbula sobre a água
Brasília é o açaí na sobremesa negra, árdua
Brasília é a perfeição do tijolo e da argamassa na frágua.
Brasília é um pedaço de torta espacial
Brasília é uma ilha de fantasia num lago irreal
Brasília é uma noite dominicana frugal
Brasília é a última utopia
Brasília é para a Sylvia Plath uma distopia
Brasília é uma paisagem de ectopia
Brasília é um oásis de pássaros migratórios
Brasília é o oráculo de vocábulos premonitórios
Brasília é uma página de um livro obrigatório
Brasília é uma miragem instável no deserto
Brasília é uma visão pálida de um ponto incerto
Brasília é um portal que ainda será aberto.

*Tradução de Ana Paula Arendt

A PROFECIA DE BRASÍLIA

“Não importa onde você esteja em Brasília, a cidade exala o mesmo elegante ar de monotonia.” — Simone de Beauvoir

Em 30 de agosto de 1883, Dom Bosco teve um sonho. Inscrito nas paredes da Ermida que leva seu nome, em Brasília, ele traduz da seguinte forma:

Entre os paralelos 15 e 20, havia um leito muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente, quando escavarem as minas, escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!

Em 1956, o presidente brasileiro Juscelino Kubitschek anunciou que a nova capital do Brasil seria construída no interior do país, longe das duas primeiras capitais litorâneas –Salvador e Rio de Janeiro. Seria em uma área em grande parte despovoada no estado de Goiás entre as latitudes 15-20, como previsto na profecia de Dom Bosco.

Uma competição foi realizada para projetar a cidade, que foi conquistada por Lúcio Costa. Seu *design* se assemelhava a um avião, uma borboleta, um arco e flecha, bem como uma cruz. Oscar Niemeyer recebeu a responsabilidade de projetar os prédios históricos da cidade, enquanto Athos Bulcão foi convidado a adicionar cores e artes decorativas às paredes dos edifícios. A nova capital foi construída pelos trabalhadores migrantes, cerca de 60 mil, principalmente vindos do nordeste do Brasil, conhecidos como candangos. Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960 com grande festa.

Aterrissei em Brasília na primeira hora de 12 de janeiro de 2016. A visão do solo ainda do céu ofuscou meus olhos. Quando acordei, Brasília era toda branca, com céu azul claro e muitas árvores verdes cheias de pássaros cantando.

Comecei a ler sobre Brasília. O primeiro relato literário de Brasília que encontrei foi uma crônica de Clarice Lispector. Isso me impactou profundamente.

Sua descrição imaginária de Brasília foi extraordinária. Ela me inspirou a escrever um poema sobre Brasília em que a cidade aparece para mim como um conjunto de imagens: uma página de Harry Potter, um manjar turco, um avião gigante no chão, uma serpente enrolada pronta para dar o bote, um poema esculpido em pedra, entre outros. Não pude escrever muito sobre Brasília nesses dois anos sentindo-me contente com apenas um poema. Comecei um programa literário mensal chamado Chá com Letras na embaixada da Índia convidando poetas e escritores do Brasil e da Índia para ler seus trabalhos. Aprendi muito sobre esse lugar ouvindo os poetas brasileiros e traduzi seus poemas do português para o inglês.

Então, de repente, sentindo minha partida iminente, comecei a me inspirar para escrever sobre os principais marcos da cidade, as pessoas e a cidade em geral. Isso intensificou-se com a visita do Dr. L. Subramaniam, Kavita Krishnamurthi e Tanmoy Bose a Brasília em fevereiro de 2018, a quem levei para um *city tour*. As imagens começaram a fluir em minha mente uma após a outra.

A ponte JK começou a aparecer para mim como gigantes alianças submersas pela metade, a Torre de TV como uma torre de controle de tráfego espacial vigiando os alienígenas, o Museu Nacional como uma nave espacial perdida esperando por um sinal de outra galáxia e outras imagens delirantes. Cada um desses trechos nesta coleção traz imagens, pensamentos, ideias que você, caro

leitor, poderá achar divertidas, malucas ou até mesmo perturbadoras. Esses pequenos poemas são minha maneira de prestar homenagem a uma cidade que tem sido minha casa nos últimos dois anos.

Ame ou odeie, Brasília é única e um deleite ao poeta! Vou levar essas imagens de Brasília comigo aonde quer que eu vá.

ABHAY K. é um poeta-diplomata indiano. Ele é autor de duas memórias e oito coleções de poemas incluindo *A Sedução de Delhi*. Seu próximo livro inclui *The Alphabets of Latin America*. Ele é o editor da *CAPITALS*, Bloomsbury, das antologias *100 Great Indian Poems* e *100 More Great Indian Poems*. Seus poemas foram publicados em mais de duas dúzias de revistas literárias, incluindo *Poetry Salzburg Review*, *Asia Literary Review*, *The Stony Thursday Book 2015*, *The Missing Slate*, *Eastlit*, *Gargoyle*, *The Caravan*, *Indian Literature* e foram traduzidas para o irlandês, russo, italiano e espanhol, esloveno, português, mandarim e nepalês. Seu poema-canção *Hino da Terra* foi traduzido para trinta línguas e foi tocado pela Orquestra Filarmônica do Teatro Nacional do Brasil. Ele recebeu o Prêmio Literário SAARC 2013. <www.abhayk.com>.



∞ STEVE BODJONA

DOIS POEMAS*

(sem título 1)

Partir sem jamais fazê-lo
Estar na brisa feita de vento
Que me acaricia o rosto
Na hora rosada da manhã
Que nina meu despertar
No suspiro
Que alivia meu ser

Partir sem jamais fazê-lo
Habitar meus sonhos
De noites sem sono
Dar vida às lágrimas
Que fazem brilhar a face
Estar em cada passo
Que sempre me aproxima de ti

Partir sem jamais fazê-lo
Viver por detrás do exício
Amordçar meu pensamento
Prisioneiro de um exercício
Que não sabe dar uma razão
À hora vinda
Da branca mortalha.

(sem título 2)

Meu coração de soluções é capaz
Dele minhas lágrimas derramam
Em flamas, queimadas, elas flambam
Vindas de toda parte, de ti, mordaz

Diabrete charmosa
Achada uma noite na rua
A alma ansiosa
De uma inocência, quem dera tua
Pena que era mera aposta de amadores
Antes de saber, te concederia todos os favores

De dúvida, não fui nada invadido
Apesar que por teus atos, fui surpreendido
Eu vi menos que um cego, certamente
Pois da vida quebraste as regras, totalmente
Ó Deus, por que o coração nos trai tanto
E apesar da boa fé, às vezes derrota os santos

Eu bem deveria jamais fugir do amor
Cada vez que ao chamado de meu coração, eu for
Eu bem deveria desconfiar da felicidade
Quando sorridente, ele me vem com impetuosidade
Com medo de ver, deste dia, o belo
À meia-noite trocar pelo dez o zero
Maldito sou com meus sonhos estéreis
Nutrido de pensamentos demasiado férteis.

Não, ah, não!
De ninguém imploro o perdão
De nenhuma parte espero compaixão
Tudo está em mim, em mim a ação
Nada ofende aos espíritos sábios
Na gaiola do meio-dia eu gastarei os meus lábios.

**Tradução por Ana Paula Arendt*

STEVE BODJONA nasceu em Aneho, em 21 de setembro de 1982. Depois de se tornar bacharel em Direito Público, inicia em 2008 sua carreira de diplomata, coroado por dois anos de formação diplomática na Escola Nacional de Administração de Lomé. Serviu no Japão de 2010 a 2016, onde chefiou a embaixada do Togo em Tóquio, revelou-se ao público japonês em 2012 por uma antologia de bolso intitulada *Kbou no beru* (Veu de esperança); e ao público togolês em 2013, por um manual de Direito (*Relever le défi du droit*) e coletânea de poemas (*De corações em coração*). É o organizador da Feira Internacional do Livro de Lomé, cuja primeira edição se realizou de 10 a 13 de novembro de 2017. Preside igualmente o Club Le Littéraire, o qual agrupa jovens escritores e bibliófilos para promover a literatura togolesa. Outras obras publicadas: *Mousou* (Réveries), Poésie, Tokyo, 2013; *Salves d'Afrique*, Poésie, Éditions Continents, Lomé, 2013; *D'un Cœur d'enfant*, Poésie, Éditions Edilivre, Paris, 2014; *L'odyssée ou Le Journal d'un Migrant*, nouvelle, Éditions Edilivre, Paris, 2014; *La valse des diplomates*, Poésie, Éditions Continents, Lomé, 2014; *Hymne a la nation*, Poésie, Éditions Continents, Lomé, 2014; *Les ronces de l'amour*, nouvelle, éditions Continents, Lomé, 2014; *Oremus*, Poésie et maximes, éditions Continents, Lomé, 2015; *Des larmes au crépuscule*, Roman, éditions Awoudy, Lomé, 2016; *Le japon que chante mon cœur*, Essai, Tokyo, 2013; *Les odes de l'évalou*, Poésie, Lomé, 2016; *Politique étrangère du Togo: une decennie d'offensive diplomatique*, Essai, éditions Continents, Lomé, 2017.

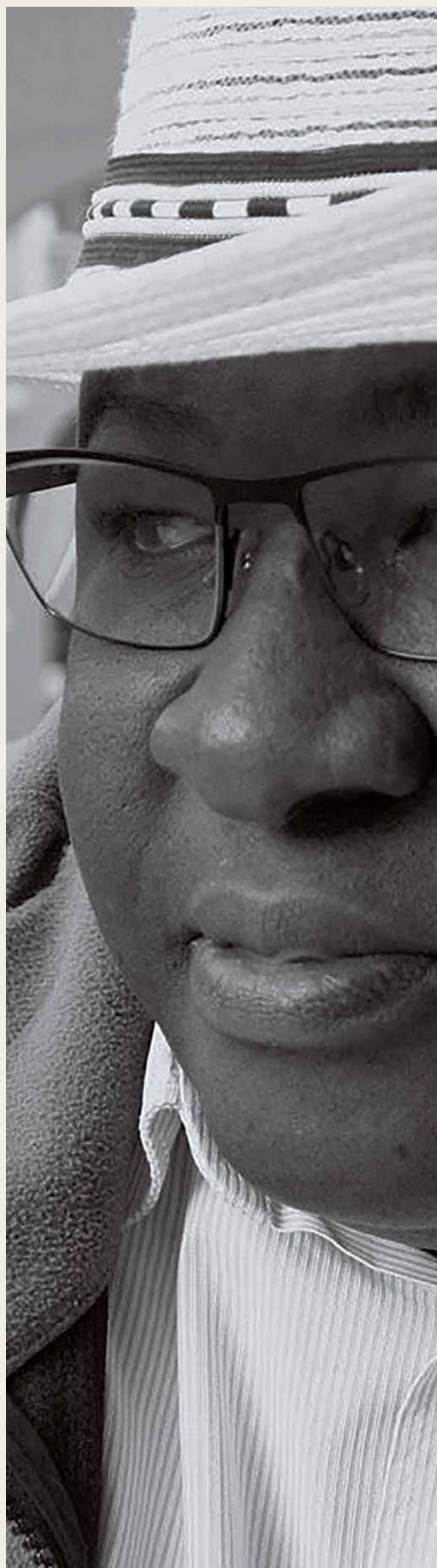


O ENCONTRO DA PALAVRA POÉTICA

"**A** Poesia também é arte do encontro. O encontro no mais profundo das criaturas: luz, sombras e meios tons. Nela, estão permeados a cultura e o homem, ressoando as tradições. Sobremaneira, o poético se deixa vibrar há milhares de anos, na tentativa de desvendar o ser humano em seus avanços e contradições, ou seja, o desejo visível. Acerca da interações artísticas, há o evento plurivocalico Chá com Letras, promovido pela embaixada da Índia, no Brasil, em que são encenadas as letras brasileiras em diálogo com manifestações variadas da poesia e outras artes. Outra experiência profícua é a tradução de *The Prophecy of Brasília*, na qual o ato tradutória perpassa a visão estrangeira de Abhay K. Kumar na *terra brasiliis*. Nesse poemário, estão expostos monumentos e vidas moventes desta parcela do Brasil, bem como a vocação cosmopolita da Capital Federal do Brasil. Pode-se afirmar que o espaço paradoxal é pulsante e movente. Os poemas fazem recortes de um possível totalidade das realidades díspares que compõem a realidade do cerrado brasileiro. A palavra poética abraça certas nuances, sendo que outras dela escapam."

ROBERTO MEDINA é Escritor, Crítico, Tradutor, Pesquisador em Literatura Comparada – UnB, Professor de Pós-graduação em “Direção Teatral” (Faculdade de Artes Dulcina de Moraes/Fundação Brasileira de Teatro) e em “Fotografia como suporte da imagem” (Espaço f/508 de Fotografia), Brasília-DF.





ENTREVISTA KANGNI ◊ ALEM

KANGNI ALEM é um literato, escritor, tradutor e crítico literário togolês, nascido em Lomé, em 1966. Além de dramaturgo e diretor, é diplomado em semiologia teatral, doutor em literatura francesa e comparada pela Universidade de Bordeaux III, tendo sido fundador da Companhia Ateliê de Teatro de Lomé em 1989. Em 2003, recebeu o Grande Prêmio Literário da África Negra, por sua obra *Cola Cola Jazz*. Além de sherpa do presidente da República do Togo, é também autor de uma vintena de livros célebres na África, e nos conta de suas duas obras que dialogam diretamente com o Brasil.

ARENDT. *Sr. Alem, muito obrigada por aceitar esta entrevista. Eu tive a incrível oportunidade de ler dois de seus livros, a obra-prima “Escravos” e seu livro mais recente, “Os Filhos do Brasil”, o qual o nosso Embaixador brasileiro, Antonio Carlos de Salles Menezes, prestigiou como debatedor, a convite do Embaixador da União Europeia, Nicolas Berlanga-Martinez. Em ambos os livros, noto ser muito presente o sentimento de ancestralidade. Quais são, a seu ver, as ligações mais fortes que permanecem entre as nossas culturas brasileira e togolesa?*

ALEM. O que me interessava nesses dois livros sobre o Brasil era explorar a memória brasileira junto aos descendentes de escravos vindos há muito tempo do Brasil, e que se instalaram no Golfo da Guiné aos montes. Eu tentei descrever em “Os Filhos do Brasil” o sentimento de classe que existe na dita comunidade afro-brasileira. O que resta aqui do Brasil é por sua vez mítico e fictício, porque a realidade cultural na qual se vive é mais togolesa, beninense, ganense que brasileira. O Brasil é uma lembrança distante, mas uma lembrança alegre que cria laços com os afro-brasileiros.

ARENDT. *E a seu respeito. Qual é a função do escritor? A literatura deve ter uma função social? Ou a liberdade de expressão, inerente ao ato de escrever, não comporta essa ideia?*

ALEM. Após muitos anos escrevendo, e também após muito engajamento cidadão, eu não saberia como responder a essa pergunta. Todo texto tem muitas funções, e a função social não deixa de ser uma variante do texto literário. Na África, nossos leitores tendem a nos ver como jornalistas ou formadores de opinião. Eu creio que há de se deixar a cada escritor o direito de ter suas próprias experiências. O que se chama de liberdade de expressão para um escritor pode ser simplesmente a expressão de uma visão pessoal do mundo, susceptível a chocar o senso comum ou de seduzi-lo. Os escritores

são com frequência pessoas que amam decepcionar as expectativas populares, e muitas vezes essa verdade simples do próprio ato de escrever é o que faz com que a intenção real do texto possa extrapolar seu criador. A literatura tem certamente uma função dialética.

ARENDT. *Sr. Alem, eu escrevo por necessidade, para preencher um certo espaço vazio que a vida fez em mim. Mas você me falou de escrever por outra razão. Falou-me de escrever com verdadeira paixão. De fato sua escrita é genial, e suas belas construções de lugares, personagens, enredos, seus pensamentos cativam o leitor até o fim, no propósito de aproveitar essa viagem. Quando lemos, é como estar no mesmo lugar de quem narra, sentir o que o próprio narrador sente. Como você chegou a essa maestria das palavras? E como se sente quando escreve?*

ALEM. Eu me explico logo sobre essa noção de paixão na literatura. É um mito pessoal, a única justificativa que eu encontro para o ato de escrever. Escrever é algo cansativo nos nossos países africanos, muitas vezes ao escritor é feita justiça e ele se torna um ícone, mas ele não tem sequer dez mil leitores que compram seus livros. Eu não sei se esse é o caso do Brasil, igualmente, mas eu penso que para um jovem autor no Togo, para ser escritor durante toda uma vida, é preciso ter a paixão pelas coisas do espírito, pelos grandes textos literários. Senão, abandonamos rapidamente. A paixão é sobretudo a ideia de que a literatura se alimenta da literatura, e que o escritor deve se sentir como um alquimista que experimenta produtos novos em seu laboratório. A maestria das palavras eu não sei, eu escrevo em francês, uma língua que preciso forçar para ela dizer o que eu penso. Isso demanda um amor pela língua, e um trabalho para que a palavra francesa diga exatamente o que eu quero dizer. Eu me sinto como um laborador linguístico quando escrevo.

ARENDT. *Quando se viaja ao exterior, carregamos dentro de nós nosso país?*



Quando você escreve sobre TiBrava, e quando seu personagem se encontra no meio do Brasil, no seu livro « Os Filhos do Brasil », esse lugar ímpar é o espírito da sua infância? Quais são os territórios literários interessantes, os lugares molhados das suas memórias de contista nômade?

ALEM. TiBrava é um território literário que todo mundo pensa ser real. A maneira com que eu descrevo esse território produziu, portanto, um efeito de realidade. Mas é um mosaico, um tipo de partitura musical que me tem como maestro de orquestra e os leitores como o grupo de leitores a que me dirijo. Adoro fazer o leitor acreditar que esse lugar é real. Mas para parafrasear Espinoza, o conceito de um cão não late, então um nome de lugar pode ser apenas uma falsa pista para agradar ao leitor, quem logo adivinha sua cor, a tonalidade de sua escala. Mas um lugar pode desaparecer, e eu falo muito de lugares reais que desapareceram, os quais faço renascer na vida nesse tempo da ficção. Por exemplo, o cinema Cosmos no rio

desapareceu, mas ele renasce no meu romance Os Filhos do Brasil, porque o tempo do livro é um tempo suspenso. Eu viajo muito, e faço muitos cadernos de viagem, mas assim que eu recorro dos traços de minha memória, eu envio o esforço de recriar o território com essas fatias diversas de impressões. Os territórios literários interessantes podem ser aqueles que a memória reconstitui. Os territórios da infância são muitas vezes os espaços mais ricos que existem dentro de um criador.

“Decididamente, a rivalidade religiosa entre as três grandes cidades históricas do Brasil eram um assunto a ser levado a sério. Macumba no Rio, xangô em Recife e candomblé na Bahia... As palavras eram cada vez portadoras de uma descrição diferente do mundo, e de um enredo de si em conformidade com os desejos que cada um de meus interlocutores carregava dentro de si.

Todas as leituras que eu havia feito antes da minha viagem ao Brasil confirmavam minhas descobertas. Sim,

as divergências entre os negros do Brasil em suas diversas culturas explicam bem a importância que eles atribuem à ideia de uma África, esse território onde se relegam os espíritos dos deuses, os orixás, dos quais se faz questão recordar nos terreiros, em cada culto, por meio da cabeça, por meio do corpo dos filhos e filhas de santos do candomblé, do xangô ou da macumba. Daí a importância desses lugares tradicionais no interior das cidades modernas. Eu tinha a intenção, na Bahia, de visitar um desses terreiros, lugares míticos que dizem a memória da dispersão dos reinos africanos, o lugar que contém a história da chegada dos cativos no Novo Mundo, a aceitação da nova rodada social, tanto de mudança quanto de continuidade. Porque para mim, que sou africano egresso de TiBrava, havia uma certeza de que os negros do Brasil não eram mais africanos, mas sim afro-brasileiros, exatamente como os negros da América são afro-americanos, assim como aqueles da minha comunidade afro-brasileira são aqui africanos que se encantam em trazer à tona, sempre que possível, a história glorificada de seus ancestrais, vendidos como escravos às Américas, e se recordar disso com amor, nostalgia da suas terras de origens... De modo que a história pode ocasionalmente se revelar mais prosaica do que se imagina. (...)

Mas de qual África eles calculam serem os legatários autênticos? Jamais pude deixar de perguntar a eles, quando se sabe que o próprio paradigma homogêneo africano não existe. Que os Minas e os Fons deportados de TiBrava ou do Daomé se tornaram iorubás no Brasil, se atribuindo práticas religiosas que não existiam nos seus países de origem, bem sabemos. Mas Júnior se incomoda, ele se enfurece com que os experts denominem quarenta e cinco a cinquenta Áfricas diferentes, apenas lhe importa o traço comum a todas essas celebrações, a todos esses discursos sobre a África, a partilha da mesma espiritualidade, esta bela e bem africana.

Eu me sinto inclinado a concordar, além disso eu teria escolha? A concordar com a explicação à qual chega Jorge, ao se servir do discurso anímico africano como método de reconstrução social dos jovens brasileiros de ascendência africana, por que não? Afinal, eu não tinha nenhum outro discurso para lhe propor. Sim, por que não, ao invés de deixar vagabundear essas almas mortas em um país onde lhes fazem mira a desestruturação social, o desemprego e a tentação do ganho fácil, por que não propor a eles exibir uma fé africana, aquela de seus ancestrais que eram reis e príncipes do Daomé, Askia de Tumbuctu e Alafin de Oyo?¹



¹ Kangni Alem, « Les Enfants du Brésil ». Les Éditions Graines de Pensées, Lomé, 2017, 200p. Trecho de tradução de A. P. Arendt.

ARENDT. *Você me falou de sua experiência no Brasil, de quando foi reprimido ao dizer que não olhava a cor da pele de uma pessoa. Por essa razão foi questionada sua “africanidade”, por parte dos ativistas brasileiros. Eu peço desculpas por isso, e considero algo até mesmo divertido de ouvir. Mas ao mesmo tempo eu compreendo que o povo brasileiro tem uma experiência diferente daquela dos togoleses, porque se bem Machado de Assis, nosso grande escritor do século XIX, era mestiço, no Brasil de hoje nós não temos ainda um presidente da República negro; há raramente pessoas negras no Governo e nas grandes empresas, na televisão, e nós tivemos apenas um único ministro da Suprema Corte negro, a despeito de nossa população negra e mestiça configurar mais da metade do País. Entendo que isso irrita profundamente as pessoas. Na sua visão, o que pode ser feito para reparar essa situação? A literatura pode ser um espaço a se ocupar com maior liberdade, como efetivamente acaba de se tentar na FLIP 2017, em Paraty?*

ALEM. O Brasil é um país paradoxal, como os Estados Unidos da América. O negro é um homem invisível, a despeito de sua presença massiva e de seu papel na construção da riqueza do país. Tudo o que você disse é verdade, a política é dominada pelos brancos. O Brasil talvez precisasse de uma verdadeira revolução de direitos civis. De outro modo, tenha certeza, prosseguirá a todo vapor a desigualdade, mesmo dentre os graus de mestiçagem brasileira. Eu não sei que papel poderia desempenhar a literatura na evolução das coisas, mas tive o sentimento de que musicalmente os negros impuseram seus ritmos sobre a visão musical do país. Eu posso estar enganado. Um dia, o Brasil posso conseguir fazer sua revolução política, graças à acumulação de capitais, pois essa é a solução caso o movimento de direitos civis venha a falhar. Mas as superestruturas do Brasil são de tal modo corrompidas que o desespero do povo não me surpreende.

ARENDT. *Notei trechos bastante fortes no seu livro Escravos. Nós aprendemos sobre a escravidão por meio dos livros escolares, das reflexões antropológicas, talvez de ver alguns filmes, mas raramente nós encontramos uma narrativa em detalhes, rica de sentimentos sob a perspectiva de quem vivia aqui. Com a sua permissão reproduzo um excerto. Onde e em quais experiências você buscou inspiração para descrever tão bem esses fatos históricos?*

ALEM. Obrigado. Eu fiz uma escolha clara ao escrever Escravos : mesclar ficção com história, inventar o que eu não encontrei nos registros. O mais difícil para mim foi me projetar na mentalidade do século XIX, como viviam os povos durante o reinado de Abomey, as pequenas populações dominadas pelos notáveis da religião Vudu. Seus comportamentos e suas maneiras de pensar da época, tal como nos contam os historiadores, me guiaram. A inspiração veio da história, mas depois disso houve uma composição, da mesma

forma como se cria um papel no teatro. Me agradou muitíssimo, por exemplo, inventar os comportamentos femininos face ao poder dos homens durante o período da escravidão, com as amazonas, essas mulheres soldadas, e as mulheres escravas nas casas-grandes no Brasil ; há sentimentos humanos que me parecem eternamente guiados pela busca da liberdade pessoal frente às regras e ao poder. A ficção histórica não teme inventar o que seja necessário para que a narração seja rica em detalhes, para contemplar a complexidade da alma humana.

"Ele se levantou, titubeante. As amazonas haviam partido e o sol estava de volta. As moscas também, as quais já se debatiam ao redor do corpo sem cabeça daquela que já não era mais sua esposa. Uma massa sem cabeça sempre dependurada nas vigas. Ele gritou mais forte, por sua dor, as narinas gotejando ranho como um rebento abandonado. Ele chorou e cantou por sua vez, as longas maldições contra os comandatários desse crime que o rebaixava ao nível de uma hiena coletora de lixo, enquanto soltava o cadáver da jovem moça e se apressava em enterrá-la com a cabeça decapitada, conforme o ritual reservado às mortes violentas.

De repente se deteve. Não, por que enterrá-la ? De acordo com que rituais? Um mundo inteiro acabava de se colapsar, com seus rituais e certezas, por que fingir? Ele não conseguiria mais se iludir. Partir em busca do que restava de sua família levada sob escravidão, sim, mas retornar a essas terras onde os poderosos, como os deuses, provocavam a morte de inocentes, isso já não conseguiria mais. E continuar a respeitar as formas e as regras, não mais. Uma ideia lhe atormentava, de que havia perdido muito tempo. A de que a vida de seus filhos e de suas duas outras mulheres, estas mais dóceis e mais fiéis que a decapitada, poderiam estar em grave perigo... Era preciso partir em busca deles. Nestes últimos dias, em

função da patrulha nas águas do Daomé pelos barcos ingleses, era possível saber aonde eram levados aos poucos os escravos capturados em Glehué ou nas cercanias: ao Porto Seguro, uma cidade dos Guin-Mina, onde outros vendedores de escravos vindos de Acra haviam se instalado, naquelas terras de Aja. De Glehué à Porto Seguro, eram necessários quatro dias de caminhada para um homem de boa força física.

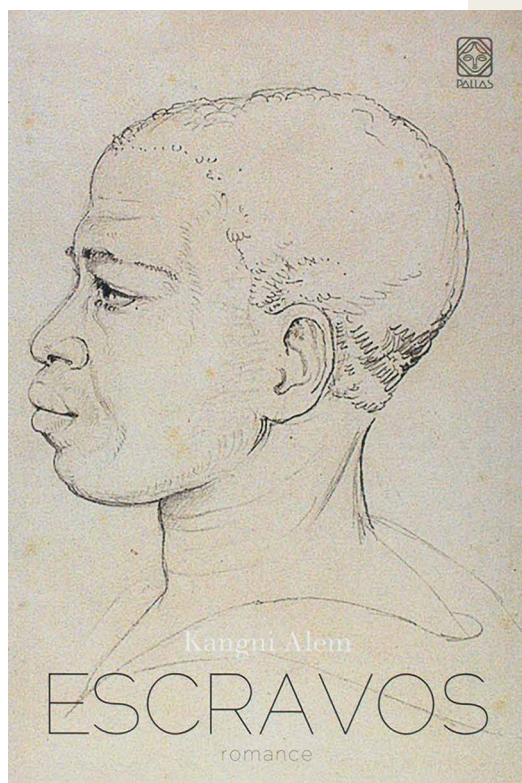
Ao inferno as moscas, ao inferno os rituais. Que os deuses me perdoem, disse, e logo mais as primeiras chamas de incêndio que ele acendeu com suas próprias mãos já lambiam a palha do telhado de sua casa. Ele virou as costas para as chamas e se embrenhou na vegetação².

ARENDT. *Poderia nos falar um pouco de suas demais obras, pelas quais ganhou prêmios importantes na África, e que também se tornaram famosas em Paris? Eu noto que Cola Cola Jazz ganhou o Grand Prix Littéraire d'Afrique Noire 2003, e que também publicou muitas obras de teatro na década de 1990.*

ALEM. No conjunto, comecei a escrever minhas peças de teatro em minhas estreias de 1989, pois eu era comediante e diretor. Depois, comecei a escrever contos, os primeiros publicados em Paris pela Revue Noire, e em seguida pela Gallimard. Eu cheguei ao romance em 2002. E depois, continuei escrevendo nessas três categorias. Nos ensaios eu me dedico a meus trabalhos universitários.

ARENDT. *E para o futuro? Você me disse que já se encontra trabalhando em um romance para publicá-lo daqui a dois anos.*

ALEM. Sim, estou trabalhando em um novo romance, mas prefiro não antecipar o que estou escrevendo. Posso dar uma dica, versa sobre o fenômeno do Boko Haram na Nigéria.



ARENDT. *Sr. Alem, também me contou da sua alegria ao encontrar uma amiga que disse ter visto seu nome em um livro em Paris, e do orgulho dela ao comprar uma obra de seu conterrâneo. Suponho que deve ser uma grande realização pessoal para o autor. Quais palavras de motivação poderia dar aos escritores que acabam de começar sua jornada, para alcançar essa alegria?*

ALEM. A arte é longa e a vida é curta. É preciso escrever sem pensar de antemão no ganho, mas com o sentimento de quem toma parte na tradição da literatura.

ARENDT. *Muito obrigada, meu caro Kangni Alem, pelo seu talento, e sobre tudo por suas opiniões muito enriquecedoras sobre a vida, sobre a literatura, sobre o que é ser maravilhosamente africano.*

² "Eslaves", de Kangni Alem, p. 91-92. Trecho traduzido por A. P. Arendt. (No Brasil temos a edição "Escravos", Editora Pallas, 2011, 258p.)

POEMAS LATINO-AMERICANOS

LEITURAS DURANTE A PRIMEIRA
FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO DE LOMÉ

AUREA DOMENECH

CERTIDUME

Os pássaros fora da gaiola; os meninos na escola;
Os orgânicos na mesa; os frutos desta proeza;
Os mares despoluídos; os homens jovens já idos.
Brancas espreguiçadeiras; as frutas azuis das videiras.

As mulheres são bem vindas, bem vindos os ecologistas.
Os bondosos homens santos e o perdão já para tantos.
Na caravana do amor, os homens de toda cor.
Os passarinhos canoros; a queda dos meteoros.

As mariposas da primavera e os tons verdes da hera.
O sol na mais bela visão e os mimos do pré-verão.
Teus peixes e tuas conchas espalhados nas minhas fronhas.
O papagaio - seu assovio, e as vésperas de um certo estio.

Os museus recuperados; os meninos educados;
A volta do belo sublime; as cerzideiras do vime,
As moças dos belos bordados; os óleos mui bem pintados.
Da virtude a fluidez e a volta do bom Português.

Os artistas, meu rapaz! Bem vindos os que propagam a paz.
Os bondosos homens santos e o perdão já para tantos.
A brisa morna na esquina; as meninas mais traquinas.
As crianças boas, gentis e a empunhar flor-de-lis.

O canto para a alegria, a mágica do dia-a-dia.
Amanhecer no sobrado, entre os jasmins e o nardo.
Os pacifistas armados de coragem e ousadia.
O teu beijo, o teu retrato e toda essa Grande Poesia.

AUREA DOMENECH nasceu e cresceu no Rio de Janeiro, Brasil. Além de poeta é artista plástica, tradutora e advogada. Participou de algumas exposições pelo mundo, tais como na The Great Saint Mary's Church, a igreja da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, com um trabalho sobre o Aleijadinho, o mestre brasileiro da escultura. É autora de *Curto Tempo* (Editora Prol, 1983), *O Pescador de Sombras* (Editora Achiamé, 1989), *Tempestades de Areia* (Editora 7Letras, 2016) e *Memórias na Chuva* (Editora 7Letras, 2017).

ARCHIVO DE LA MEMORIA

Acá se archiva la memoria: regístrese / archívese / recuérdese.
Al lado de este patio de piedra: / cabildo / piedra a piedra esclavo indio /
dolorido músculo / lengua de silencio.
Al frente de este patio: catedral / mentira / mentira de misericordia / miseria
/ mentira de miserables.
Cada año sueña el pibe / ya no marchar con la marcha y su gorrita.
Cada año suenan en el patio / poetas puntuados por campanas / invasivas
como alarmas / patrullas en asentamiento.
Acá se archiva la memoria. / Archivar es de cuidado, tiene dos
modulaciones: / guardar para el futuro, o dejarlo / irremisiblemente / en el pasado.
Éste es el archivo de la memoria / ésta es la escena y éste / el escenario /
acá lloran las indias y los indios / acá lloran sin lengua y sin lenguaje. / Acá
el comechingón dejó su parte / acá el negro murió en abismo / anónimo / en
andamio de iglesia prepotente, en cloacas de Colonia. Y desaparecieron.
indios desaparecidos
desaparecidos negros
hijos desaparecidos
pobres desaparecidos
Acá se archiva la memoria, / en triple frontera: Archivo, Cabildo, Iglesia /
prepotente. Dios acá se hizo silencio / silencio hicieron funcionarios /
silencio tu mamá / el vecino de la plaza / tan amoroso con las plantas / tu
propia boca, yo.
Acá se archiva la memoria: regístrese / archívese / recuérdese.

GASTÓN SIRONI (Córdoba, Argentina, 1967) es escritor y traductor, dirige el sello Viento de Fondo (www.vientodefondo.com), con el que ha obtenido en tres oportunidades el Premio Alberto Burnichón al libro mejor editado en Córdoba. Ha publicado "Negro de fondo" (cuentos; edición de artista en caja de madera y bronce, junto con grabados de Carlos Peiteado; segunda edición en Alción, Córdoba, 2003; traducido al francés y publicado en Canadá: "Noirs horizons", Les éditions de L'Instant Même, Québec, 2012), "Tratado de los vientos" (poesía), "Ahora/No me busques en el frío" (poesía y canciones, libro-disco, Viento de Fondo, 2009; elegido Disco del Mes por el Club del Disco de Buenos Aires) y "Embarcados" (poesía, junto al largometraje de Rodrigo Fierro; libro-película, Viento de Fondo, 2015). Ha traducido a Mark Twain, Marguerite Duras, Arnaldo Antunes, Francis Scott Fitzgerald, Antoine de Saint-Exupéry, Paul Valéry, Jean Cocteau, Edmond Jabès, Bernard-Marie Koltès y Amosse Mucavele, entre otros. Es uno de los organizadores del Festival Internacional de Poesía de Córdoba, Argentina. <www.vientodefondo.com> <www.festivaldepoesiaca.com>.

✧ JOSÉ CARLOS VIEIRA

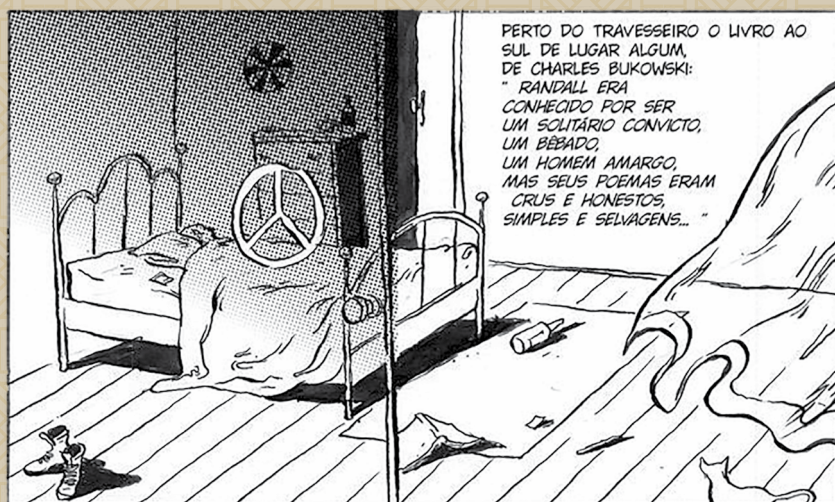
CARDIOPATIA

(OU RÉQUIEM PARA UM VELHO PUNK)

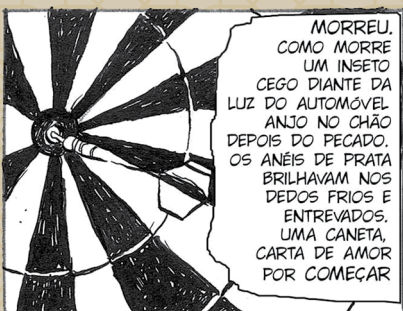
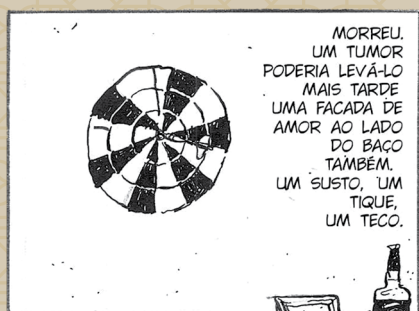
MORREU NUMA MADRUGADA
QUENTE.

A LUA... TALVEZ MINGUANTE
AO LADO, UMA GARRAFA DE
VINHO PELA METADE

A TACA EM CACOS JAZIA NO
TAPETE CINZA.



PERTO DO TRAVESSEIRO O LIVRO AO
SUL DE LUGAR ALGUM,
DE CHARLES BUKOWSKI:
" RANDALL ERA
CONHECIDO POR SER
UM SOLITÁRIO CONVICTO,
UM BEBADO,
UM HOMEM AMARGO,
MAS SEUS POEMAS ERAM
CRUS E HONESTOS,
SIMPLES E SELVAGENS... "



JOSÉ CARLOS VIEIRA é jornalista, também formado em audiovisual e publicidade pela Universidade de Brasília (UnB), tem 12 livros lançados e é editor premiado do Correio Braziliense. Também compositor, cronista e um militante do jornalismo mais humanista.

HOY MUERDO LA NIEBLA

Hoy muerdo recuerdos,
fantasmas profundos.
Hoy acaricio el eco
que me atraviesa los huesos.

Hoy, invado el silencio
y siento el rumor
que golpea la palabra,
y me falta el aire
puro y nocturno
de mis montañas blancas.

Hoy, hoy me pierdo
en dorados sueños
que se hacen niebla.

REPENTINA VEIO A NOITE

De repente fez-se noite
e a água que corre é vermelha
mas corre seca.
O ar que se respira
é pó encobriendo o céu.

Repentina veio a noite
e noite densa
embalando perdidos corpos,
ruidosamente ferindo
a clara manhã.

É noite, de repente,
e o grande pássaro borriía
penas pelo ar.

KORI BOLIVIA nació en la ciudad de La Paz, Bolivia y está en el Brasil desde 1976. En 1974 comenzó a publicar su poesía en los periódicos bolivianos y brasileros, participó en varios Congresos sobre literaturas boliviana, brasileña, y de lengua española tanto en Bolivia, en Brasil y en Cuba, habiendo estado presente en el III Congreso Internacional de la lengua en Rosario, Argentina, invitada por la Real Academia de la Lengua. Posee siete libros de poesía publicados, incluso una traducción suya fue publicada en el Boletín de las Naciones Unidas. Su poesía está presente en varias antologías así como en Diccionarios de literatura. Miembro fundador de la Unión Boliviana de Escritores, miembro de la Sociedad Boliviana de Escritores, miembro de la ANE (Associação Nacional de Escritores) de la que fue Presidente (20013- 20015), miembro del Sindicato de Escritores de Brasília, miembro de la União Brasileira de Escritores y ocupa el sillón número 37 de la Academia de Letras do Brasil, de la que actualmente es Secretaria General (sede Brasília). Recibió el Diploma de Embajadora Universal de la Cultura, en 2016, en la ciudad de Tarija.

PLANTAR ROSAS NA BARBÁRIE

"**N**s luzes das contumácias dissolvem-se nas palavras dialetófagas, misturam as multiplicidades epidérmicas nos pensamentos moventes, arquitetando fulgorantemente brinquedos caóticos ___ vida incontrolável ___ o MERGULHADOR é a finitude do tempo infinito e com o grito da emasculação provocada pela mordida do animal, talha a rarefacção da pedra, vascoleja a esfinge verbal, faz da insânia o buraco do mundo, cava o alijamento do vazio, BIFURCA-SE na sublevação do exílio, passa pela profanidade-rapinadora da voz, distancia-se de si, traduz o ilegível na desabalada passagem do espírito, transforma-se num diagrama histérico, avança no desalumiado embalo da boca, intensifica a visão ao tecer a cavidade do esquecimento, cega-se ao rebentar o real, intervala a luz com o espelho de Tarkovski, estimula o mundo a contradizer-se nas ladraduras órficas! Infinito jogo de acasos na alienígena golpeadura dos centros de gravidade (o poema nunca completa o seu crime)..."

LUÍS SERGUILHA nasceu em Vila Nova de Farmalição, em Portugal, em 1966. Poeta, crítico e ensaísta, autor de inúmeras obras de poesia e de ensaios. Recebeu o Prémio de Literatura e de Poesia e é autor de *Embarcações* (2004); *A singradura do capinador* (2005); *Hangares do vendaval* (2007); *As processionárias* (2008); Roberto Piva e Francisco dos Santos: na sacralidade do deserto, na autofagia idiomática-pictórica; no êxtase místico e na violent...a condição humana (2008); *KORSO* (2010); *KOA'E* (2011); *Khamsin-Mortersatsch* (2011); *KALAHARI* (2013). Criador da estética do Laharsismo e responsável por uma coleção de poesia contemporânea das Edições Cosmorama. Curador do Encontro Internacional de Literatura e de Arte Portuguesa, dos eventos Raias Poéticas e do evento Afluentes Ibero-afro-americanos de Arte e Pensamento.

SEM SOMBRAS *(FRAGMENTO DO POEMA)*

O limite começa na gente
e some no escuro.
Acenda a luz:
o sumiço é o fim da gente.

Esteja preparado para o horror.

Esteja certo que não há preparo para o horror,
a menos que você seja um escroto
(e tens todo o direito, corrijo-me,
de assim resistir ao pavor).

Não sejamos funestos nestes tempos mornos,
em que decidimos renhidamente não morrer (e assim seremos felizes,
ainda que inevitavelmente escrotos para tanto).

Tempos em que, parece, ricos e pobres, podemos empurrar com a barriga
pela quase certeza, em sobreviver
(os fracos que não o julgaram bastante visitam analistas),
E em que o peso da vida ficou no depósito, em casa,
para onde só voltaremos pela manhã (inevitavelmente deprimidos).
Talvez para o fim trágico ainda faltem tamanhos passos,
e evitar a queda, sua consequência seja dor indevida.
Se a questão da luz
não é impedir o desastre,
usufrui
(o que traz a luz
ou os chifres do alce se ramificando eternamente
em verde, azul, amarelo e vermelho,
um por vez ou todas ao mesmo tempo.

Não é sadismo de minha parte.
O mundo será melhor.)

WELLINGTON MÜLLER BUJOKAS, paulista, é formado em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná. É diplomata, tradutor e poeta. Serviu nas embaixadas do Brasil em Astana e em Moscou. Publicou, em 2012, o livro “Estudos”, pela Travessa dos Editores.



Itamaraty, por José Maciel



Itamarati, por Denis Cavalcanti

❧ POETAS INICIANTEs

❧ FLÁVIO FÉLIX

A PROFESSORA

Há um lugar
Onde as paredes são invisíveis
Onde se vê somente
Um rio negro que segue
Uma superfície sensível
Tão docemente ligeira
Como a pétala de uma flor
Onde a brisa faz deslizar
As gotinhas de orvalho
Que talvez tenham caído
Do luminoso ar azul
De dois pedacinhos
Do céu
Aonde se chega por um caminho
Formado de nuvens brancas
Emoldurado com o vento
Do brilho de diamantes
Sobre rosas vermelhas
É um lugar aonde se vai
Para o curso de francês
É o espaço das letras

É o templo da beleza
É a sala, sou eu, é o livro
É a professora.

SOBRE O POEMA



poema A Professora é uma homenagem a todas as professoras do mundo. Os versos desse texto são uma idealização em que se associam elementos físicos da natureza às características físicas do rosto de uma mestra. O rio negro descreve o cabelo da professora idealizada. A pétala de uma flor alude à face dela. O caminho de nuvens brancas é o seu sorriso. O vento do brilho de diamantes sobre as rosas vermelhas representa os seus lábios. O lugar poético é a professora!

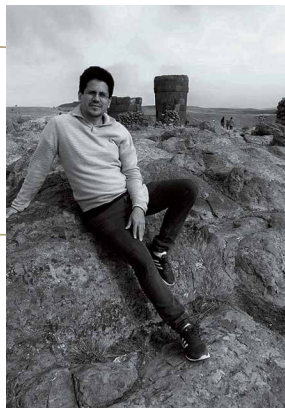
Esse tipo de associação entre elementos naturais e um ser idealizado evidencia que de fato o poeta é um tradutor, um compositor ou, quem sabe, um vidente. A poesia existe por si mesma, é intrínseca à criação ou natureza e expressa-se frequentemente por meio de análogos viabilizadores de metáforas e outras comparações. O poema é a cristalização de

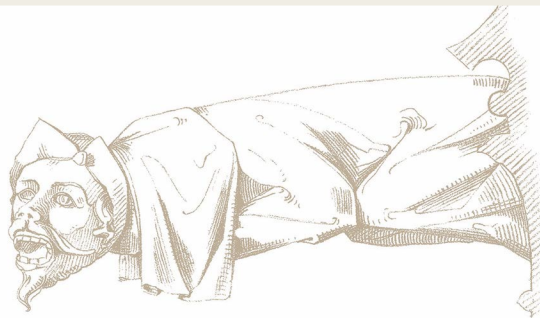
parte da poesia que há análoga e naturalmente no cosmos. A habilidade do poeta aparece no resultado de sua clarividência e clariaudiência traduzidas em letras e sons nos poemas.

O poema A Professora foi escrito originalmente em francês. Depois foi vertido ao português. Com o texto bilíngue, pretende-se contribuir para irmanar cada vez mais as nações francófonas e as lusófonas. Estamos chegando ao paroxismo da crise humana. A humanidade precisa de fraternidade mais que nunca, neste tempo caótico, de guerra, de ataque ao ser humano e ao meio ambiente, de terrorismo, de fanatismo, de mentiras, de manipulação, de ignorância, de pobreza material, de miséria espiritual, em suma, de egoísmo.

Poderá a literatura concorrer para a configuração de uma época de ouro em nosso turbulento mundo? A resposta só se conhecerá trabalhando duramente por um planeta melhor, cada qual com as ferramentas que tem. A revista Itapuan, bilíngue, há de ser uma joia em favor da fraternidade literária, para melhor compreensão entre os povos. Trata-se de uma irmandade lastreada no poder encerrado no verbo, independentemente das nacionalidades.

FLÁVIO FELIX nasceu em Espigão do Oeste, Rondônia, na região amazônica do Brasil, em 1979. É um buscador da verdade, inspirado na justiça e no amor. Formou-se em Relações Internacionais na Universidade de Brasília e é autor da obra O Estágio.





✧ GUILHERME KUBISZESKI

SONETO METALINGUÍSTICO

Quero um soneto leve, bem contido,
Sem traço de romântico exagero.
Nem o mais, nem o menos: quero o zero,
Onde o desequilíbrio é proibido.

Algum soneto nesses moldes quero,
Parnasianamente construído,
Livre de infiltração e de ruído,
Mudo: nem mentiroso, nem sincero.

Mas se o próprio querer é descompasso,
Este soneto que eu agora faço
Há muito já caiu da corda bamba,

Pois das desconcertadas poesias
Às esterilizadas teorias,
A vida é sempre réquiem ou samba.

GUILHERME KUBISZESKI nasceu na cidade de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, em 1992. Aos doze anos de idade, veio para Brasília, onde mora desde então. Mestre em filosofia pela Universidade de Brasília, foi professor na Secretaria de Educação do Distrito Federal de 2014 a 2017 e é técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal de Brasília. Publicou alguns artigos em revistas acadêmicas nacionais e internacionais na área de filosofia e em sua obra poética predomina a forma do soneto italiano.



❧ POESIA INFANTIL

❧ VICTORIA NAZARET OZABARRIO SANCHEZ

INDIA APACUANA

Hermosa india de gran corazón
de espíritu fuerte y luchador
su entrañable esencia es un caudal
donde nadan su descendencia
tras los años pasar
Venezuela tierra indómita
de mujeres hermosas
donde siempre han de brotar
semillas de coraje y libertad.

Hola ¡soy VICTORIA NAZARET OZABARRIO SANCHEZ! Nací un 19 de Agosto en la ciudad de Valencia, Venezuela y hoy vivo en Boa Vista, Roraima, en Brasil. A mis 8 años de edad soy una niña muy feliz! Agradecida con todo lo que Dios y el universo me dan. A pesar de que ya había hecho algunos poemas con la ayuda de mi mamá; fue en una mañana que descubrí la magia de escribir poesía sin planearlo. Pensamientos y palabras fueron fluyendo en mi mente encajando de una manera tan armoniosa, era como música... sentí una sensación en mi cuerpo que me hizo levantar de golpe y saltar con mucha felicidad, reía, gritaba mientras recitaba mi poema. En seguida contagíé a mi mamá que sin saber también reía, saltaba y me llenaba de besos y abrazos. Así es la poesía para mí ¡Contagiosa! ¡Mágica! Llena de infinitud de palabras que nos llevan a experimentar muchas sensaciones. Todo lo que gira a nuestro alrededor tiene una razón de ser y la poesía nos da la oportunidad de expresarlo de la manera en que más nos guste.



✧ TOMÁS ANTÔNIO ALENCAR

TUDO É MUITO CHATO

Tudo é muito chato
A morte
Às vezes até a vida.

Tudo é muito chato
Seu cachorro
Seu gato
Às vezes até o papagaio que fica repetindo tudo.

Tudo é muito chato
Sua casa
Seu irmão
Às vezes até sua família.

Mas nestas coisas que eu falei
Sempre tem um lado positivo.

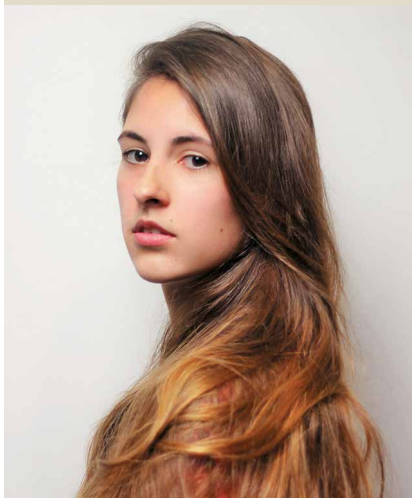
Eu sou **TOMÁS ALENCAR** e amo escrever. Tenho 10 anos, escrevi um poema inspirativo e peguei aspectos da minha vida cotidiana.





Estudos do Itamaraty em giz, por Lúcia Costa

OS ARTISTAS DESTA EDIÇÃO



LUÍZA COSTA MANHÃES

Graduada em Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014), com especialização em Artes Visuais pela mesma instituição (2017). Ao longo deste período participou de diferentes projetos com a temática centrada nas artes gráficas e na imagem narrativa, sendo bolsista em alguns deles. Em 2016 estudou na Alemanha, na Universiät Siegen, concentrando sua produção nas práticas do desenho, da gravura e da pintura. Atua também como ilustradora, tendo parcerias com diversos autores.

Contatos:

<luizacmanhaes@gmail.com>

<<https://www.facebook.com/luizacostamanhaes/>>

RODRIGO NARDOTTO

Rodrigo Nardotto é artista desde menino, mas como ele mesmo diz: “só adulto permitiu ao menino ser artista”. Começou a pintar depois que abandonou o ofício da Publicidade e Propaganda, em 2009. Não quis voltar para a universidade e resolveu frequentar e receber aulas no ateliê de grandes artistas de Brasília, como Déia Francischetti, Lourenço de Bem (Atelier Bianchetti), Sheila Tapajós e Sonnia Guerra. Atualmente está levando bronca de Leandro Giordanno, arquiteto-alquimista-insone. O forte de Rodrigo Nardotto é a cor: “é o que realmente me interessa. Mas eu consigo trazer forma por meio da cor. Pra mim, as linhas são secundárias. O traço e o desenho só me balizam. As distorções que faço são intencionais, porque o meu estilo é o expressionismo, ou seja, eu expresso as minhas emoções. Não faço nada racional”, descreve o artista.

Contatos:

<rnardotto@gmail.com>

+55 61 98148 7570 | +55 61 98462 2895.



LUCIA COSTA

Atualmente vive e trabalha em Campinas, SP. Iniciou sua trajetória no curso de Design de Moda na Cândido Mendes no Rio de Janeiro, seguido de Design de Interiores em Campinas, São Paulo. Fez diversas oficinas em Artes Visuais em ateliê de artista, Centro Cultural da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Centro Cultural Calouste Gulbenkian e na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. Participou de projetos de ocupação e performance no Rio de Janeiro. Participou de exposições e feiras de arte aqui e no exterior. Foi selecionada nos “Novíssimos 2006” da Galeria de Arte IBEU/RJ. É finalista do Luxembourg Art Prize 2018.

Contatos:

<luciacostaarte@gmail.com>

<<https://luciacostaarte.wixsite.com/luciacostaarte>>

<<https://www.instagram.com/luciacostaarte/>>

<<https://www.facebook.com/luciacostaart/>>



DENIS CAVALCANTI

Nascido no Brasil. Desenhista de formação técnica, nas áreas de urbanismo e arquitetura e arte publicitária. Iniciou a produção artística em 1983, em Exposições Coletivas de Arte, ocasião em que recebeu seus primeiros prêmios. Residiu em Lisboa, Portugal, onde desenvolveu trabalho ligado à arte publicitária. De volta ao Brasil aprofundou suas pesquisas no sentido de fundamentar seu trabalho de pintura. Estudou História da Arte, seus movimentos e escolas mais importantes. O encontro com a escola construtivista russa foi inevitável, e simultâneo com a identificação com a Escola Bauhaus. Construtivismo e concretismo passaram a povoar seu imaginário e tornaram-se referência em seu trabalho. A partir daí, foi uma viagem sem volta. Hoje sua arte é uma necessidade, cada vez maior, para lhe dar sentido à vida. Pintar é completar-se: saber-se dentro da vida. Foram diversas exposições por todo o país, prêmios e participações em Salões de Arte. Voltou à Portugal, onde reside atualmente e dedica-se integralmente à pintura, tendo participado de diversas exposições, além de Festivais e Salões de Arte na Alemanha e Itália.

Contatos:

<deniscporto@hotmail.com>

<www.deniscavalcanti.blogspot.pt>

<www.facebook.com/deniscavalcantiarte>

+351 962 756 283 / +351 214 262 253



TONY LIMA

De Parnaíba no Piauí. Nasceu em 14 de janeiro de 1964. Autodidata, desenhava a lápis desde criança. Conheceu a tinta em 1980, quando se muda pra Brasília. Aos poucos, familiariza-se com a tinta e o óleo de linhaça, orientado pelo balconista Zé Luis, da casa de material artístico Poliarte. Participa de alguns cursos de pintura com os artistas Anselmo Rodrigues e Luiz Lobão. Abandona o trabalho de garçom para se dedicar integralmente à pintura. Suas obras inspiram-se na observação de cenas e imagens do cotidiano. Aliada àquelas que surgem em seus sonhos. Participou de dezenas de exposições coletivas e individuais.

Premiações:

1996 Pinte Brasília, 1º Prêmio

2003 Coletiva Pátio Brasil, 5º Prêmio

2015 1º lugar, Salão de Artes Riachuelo Congresso Nacional, Brasília

Contatos:

<hilizete@arteartgaleria.com.br>

<<https://www.facebook.com/arteartgaleria/>>

SHIS QI 21 - Bl. C - Lj. 48 - Lago Sul

71655-200 Brasília - Brasil

+55 61 3366 5067



JOSÉ ROSÁRIO

José Rosário é mineiro de Dionísio. De formação autodidata, tem a natureza como a principal fonte de inspiração e mestre. O trabalho de José Rosário, inicialmente acadêmico, também se experimentou em trabalhos surrealistas, pós-modernos e contemporâneos. Segundo o próprio artista, a busca de um único estilo não é o seu objetivo, até porque, só se descobre um estilo quando não se sabe fazer mais de outra maneira. A vida é uma eterna experiência. Todos os dias são permitidos aprender, e nessa aprendizagem, se modificar. José Rosário já participou de várias exposições e seus trabalhos podem ser encontrados em várias galerias do Brasil. Alguns trabalhos já se encontram no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos e

na Inglaterra. Também já conquistou prêmios importantes como a Capa da Telemar, do ano de 1999, o 1º lugar no Salão de Artes e Meio Ambiente, do Museu/Fundação Acesita, em 2000; e a Medalha de Ouro no Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP, no ano de 2016. Já produziu mais de 2300 obras, entre óleos, aquarelas, acrílicas e grafites.

Contatos:

<<http://joserosarioart.blogspot.com/>>

<joserosariosouza@yahoo.com>

+55 31 99702 5664

JOSÉ MACIEL

Pintor e jurista, grande oficial do TST e comendador do TRT de Brasília.

Contatos:

<hilzete@arteartgaleria.com.br>

<<https://www.facebook.com/arteartgaleria/>>

SHIS QI 21 - Bl. C - Lj. 48 - Lago Sul

71655-200 Brasília - Brasil

+55 61 3366 5067



ANA ARCHER

Ana nasceu em Linhares, no estado do Espírito Santo, Brasil. De uma família de dez filhos, cresceu em uma fazenda, num tempo anterior ao telefone, eletricidade e asfalto na região. Com 18 anos ela foi trabalhar em Vitória, capital, desenhando vestidos para a alta sociedade capixaba. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde pintou com grandes artistas cariocas no Ateliê BaluArte, sob a orientação do mestre Luis Badia. Durante anos pintando camisetas sob demanda de turistas impacientes, com tintas de secagem rápida, ela aprendeu a aplicar e a misturar pigmentos com rapidez e segurança, e surpreendia seus colegas com a velocidade e volume com que ela aplicava a cor nos tecidos. Foi no Rio onde ela experimentou diferentes estilos, do impressionismo ao pontilismo, fauvismo e modernismo, sempre movida pelo desejo de expressar a cor por si mesma. “A minha inspiração sempre vem dos meus sonhos”. Ana se mudou para Houston com sua família em 2011, onde ela abriu um estúdio no Washington Arts District. Hoje abre sua segunda galeria na cidade de Carvoeiro, na região do Algarve, em Portugal.

Contatos:

<ana.archer@hotmail.com>

<<http://anaarcher.com>>

<<https://www.facebook.com/anaarcherart/>>

LUIZ FERNANDO BORGERTH

(por Bráulio Tavares, Jornal da Paraíba, 30/07/2004)

Alguns artistas plásticos se impõem à nossa imaginação pelo uso das formas, outros pela pesquisa de texturas, outros pela coerência cromática... Não prolongarei esta desnecessária enumeração. Prefiro dizer que tenho uma curiosidade especial pelos artistas cujas obras mostram uma dimensão que chamarei de “literária” à falta de um termo melhor. São “literárias” porque parecem contar uma história, parecem mostrar algo que aconteceu há poucos instantes ou que está a ponto de acontecer, parecem nos dar entrada num universo de lugares e criaturas muito distintos do nosso. Artistas cuja matéria prima são os seres e os eventos de um espaço-tempo vizinho ao nosso, mas puramente imaginário.

No carioca (radicado em Belo Horizonte) Luiz Fernando Borgerth existe esta coerência obsessiva, que se espalha por um espaço pictórico aparentemente inesgotável. A maioria dos seus quadros mostra cenas da vida cotidiana num mundo que, pela arquitetura, pelas roupas, lembra uma Europa medieval; parecem ilustrações de contos de Boccaccio, mas um Boccaccio dotado de um olho tão esperto e contemporâneo quanto um Ítalo Calvino. No catálogo da exposição individual que acontece em Belo Horizonte até 30 de julho, Eulalia Jorda-Poblet lembra os nomes de Bosch e Brueghel, e de fato o trabalho de Borgerth tem em comum com o destes o uso de um espaço amplo com dezenas de personagens que, em grupos de três ou quatro, dedicam-se a ações distintas, como que compondo mini-quadros dentro do quadro maior.

Só que Bosch e Brueghel, diz ela, são pintores invadidos por um senso de ameaça e de pecado ausente dos quadros de Borgerth. Obras como “Em Cinemascope” (2003), cheia de mulheres seminuas e de gente bebendo, ou “Folhagens” (2004), um matagal repleto de fadinhas igualmente nuas e álcres, podem evocar o “Jardim das Delícias” boschiano, mas o espírito que os governa parece mais próximo da inocência de certas visões de Chagall ou de Paul Klee, um olho meio infantil, ainda não corrompido pelo mundo, e que se dedica ao traço com a aplicação de um pré-adolescente.

Falei em conteúdo literário, e não sei por que me vêm à mente as “Fábulas Italianas” de Calvino, contos folclóricos recontados pelo escritor; ou os contos de Ray Bradbury sobre as cidadezinhas do interior onde basta chegar um circo ou um parque-de-diversões para que coisas extraordinárias comecem a acontecer. Há algo de histórias-em-quadrinhos nestes pequenos quadros (quase todos acrílico sobre tela, com cerca de 30x40cm), há algo dos anacronismos propositais de Moebius, algo das aparentes incongruências de Lewis Carroll... Imagens (infelizmente pequenas) dos trabalhos de Borgerth podem ser vistas em: <<http://www.murilocastro.com.br/expo/expo.php?expo=10>>. São pequenas polaróides de um mundo onde algo extraordinário está acontecendo, e se olharmos para elas por bastante tempo acabaremos nos transportando para lá e descobrindo o que é.

Contatos:

Errol Flynn Galeria

<<http://www.errol.com.br/>>

<errolflynn.galeria@terra.com.br>

Rua Alagoas, 977, Savassi, Belo Horizonte – MG – Brasil - 30130-160

+55 31 3318 3830 | +55 31 99889 5445 | +55 31 99889 1515 | +55 31 99889-0115

❧ REVISORES

CINDY NAGEL

Cindy Nagel, nascida em Brasília, 34 anos, graduada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas e pós-graduada em Revisão de Textos, atua desde 2010 com revisão gramatical, ortográfica e normatizações de textos de diversos tipos. Foi professora de Português em escolar particulares do Distrito Federal e atualmente trabalha também com assessoria literária para escritores e editoras.

Contatos:

<cindelo@gmail.com>

+55 61 98216 9815

GEORGES LOPES

Formado em Letras Francês e respectiva literatura pela Universidade de Brasília em 2005, nascido em Reims na França em 1976, região de Champagne-Ardenne, obteve o Baccalauréat em 1996 com opção em Ciências nessa cidade. Professor de francês como língua estrangeira moderna há mais de dezesseis anos, formado pelo Centro de Linguística Aplicada em Besançon, na Universidade de Franche-Comté na França. Hoje cursa um *Master 1* em Didática das Línguas à distância na Sorbonne Nouvelle 3 em Paris.

Contatos:

<2mongeo@gmail.com>

+55 61 99553 3075



UM ESTUDO SOBRE OS HOMENS

CORAÇÕES nus que se debruçam altivos sobre o mundo
Tendência a dispensar em galões do que arrisca ser mais profundo.
Uma metade cheia empenhada em ocultar sua metade vazia
Solidão que acha em vão dispersar, e desgasta sua própria energia.

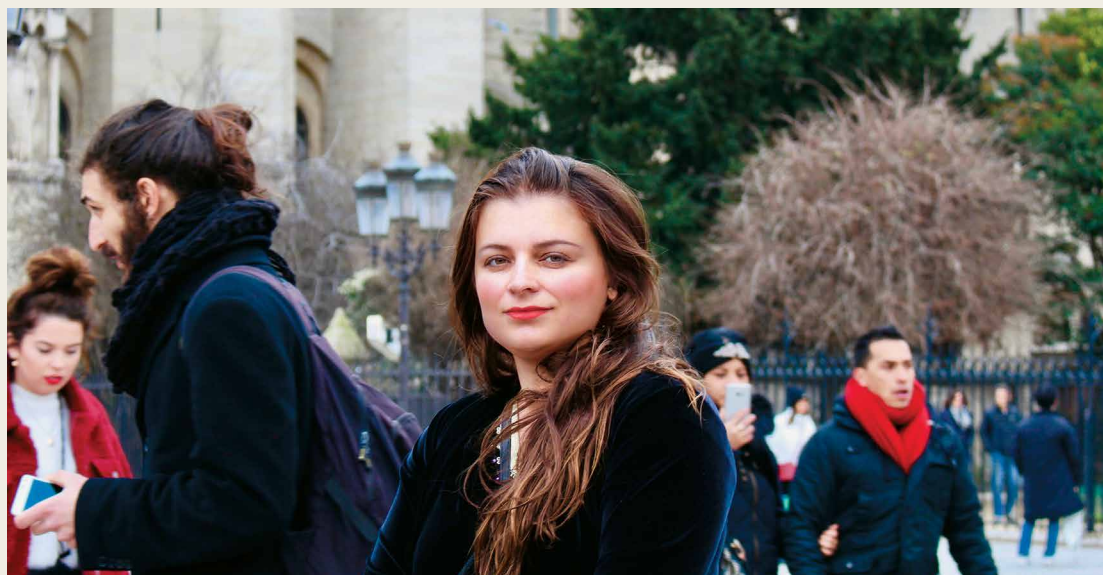
Conforto de receber sem culpa, sem calos, sem medo
Orgulho que se regozija em fazer amor com excesso de zelo.
Alvos de precedência, gritos de independência, heróis da paixão
Criadores de diferenças, cobradores de deferência, professores de autossujeição.

Amigos da paciência, norteadores felizes da simples sabedoria
Iniciadores de esforço e ciência, ourives da minha ousadia
Trabalhadores da proficiência, prestígio de ser a companhia
Remédio à tristeza e ausência, obreiros de todas as rodovias.

Salva-vidas treinados pelos irmãos, pais, avôs e ascendentes
Santos protetores das causas femininas, sejam corretas ou urgentes.
Engenhos de perfume, pavios de encrencas, agricultores de caprichos
Matilha de famintos enciumadores, criadores de atávicos e feios bichos
Corregedores num canto fartos de assimilar a vida em pequenos nichos.

Constância que entorna cada vez mais numerosas e maiores decepções
A capacidade de elucidar voz da alma sem necessidade de explicar razões.
Protetores da vida, são e obedientes a quem os pariu e os engendrou
Dores das parturientes, suspiro que a mulher dificilmente memorizou.

Princípio e fim dos nomes, paramentos de morte das mais comedidas
Barba, loção, gravata, aquela vaga noção de não estar arrependida.
Gestão de servir mais um copo num enredo do qual não se quer saída
Corretores verdadeiros aos quais entregam as mulheres as suas feridas.



SONETO À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (LXIII)

Já é triste demasiado que alguém morra
Que dirá então matar uma mulher de tristeza
Aquele cujas lágrimas de bom grado escorra
Na fonte de sonho, no passo humano, em sã fortaleza.

E as cláusulas ditas na boca com digno sorriso?
Páginas riscadas de abrigar tanta coisa no ventre
A pena que estirada deu nós em uma voz fluente
Para ser justo o que antes não era no último piso.

Por isso, Amor, desta Pátria és graça e te friso:
Não porque saibas mais, ou detenhas grãs-verdades;
Mas pelo peito que acolhe a minha saudade

Da glória eterna destes sentimentos simples
Das portas abertas num mar de trajetos seguintes
Dos beijos de incesto entre o sol e o meu riso.

ANA PAULA ARENDT, pseudônimo de R. P. Alencar, poeta e diplomata brasileira. Autora de livros infantis, de “O Constituinte” (menção honrosa no Prêmio Martins Pena 2015) e de “As Veneráveis Virtudes do Homem” (menção honrosa no Prêmio Maraã de Poesia 2016).



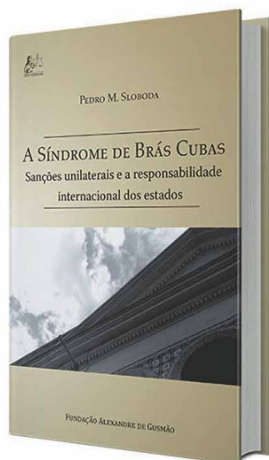
Editora Matarazzo

livros@editoramatarazzo.com

thmatarazzo@gmail.com

Tel.: (11) 3991-9506

www.editoramatarazzo.com



A SÍNDROME DE BRÁS CUBAS

Sanções unilaterais e a responsabilidade internacional dos estados

Pedro M. Sloboda

TODO INVERNO
PELA METADE DO
PREÇO.

de mão
beijada



WWW.LUIZAPANNUNZIO.COM

@ATELIER LP

